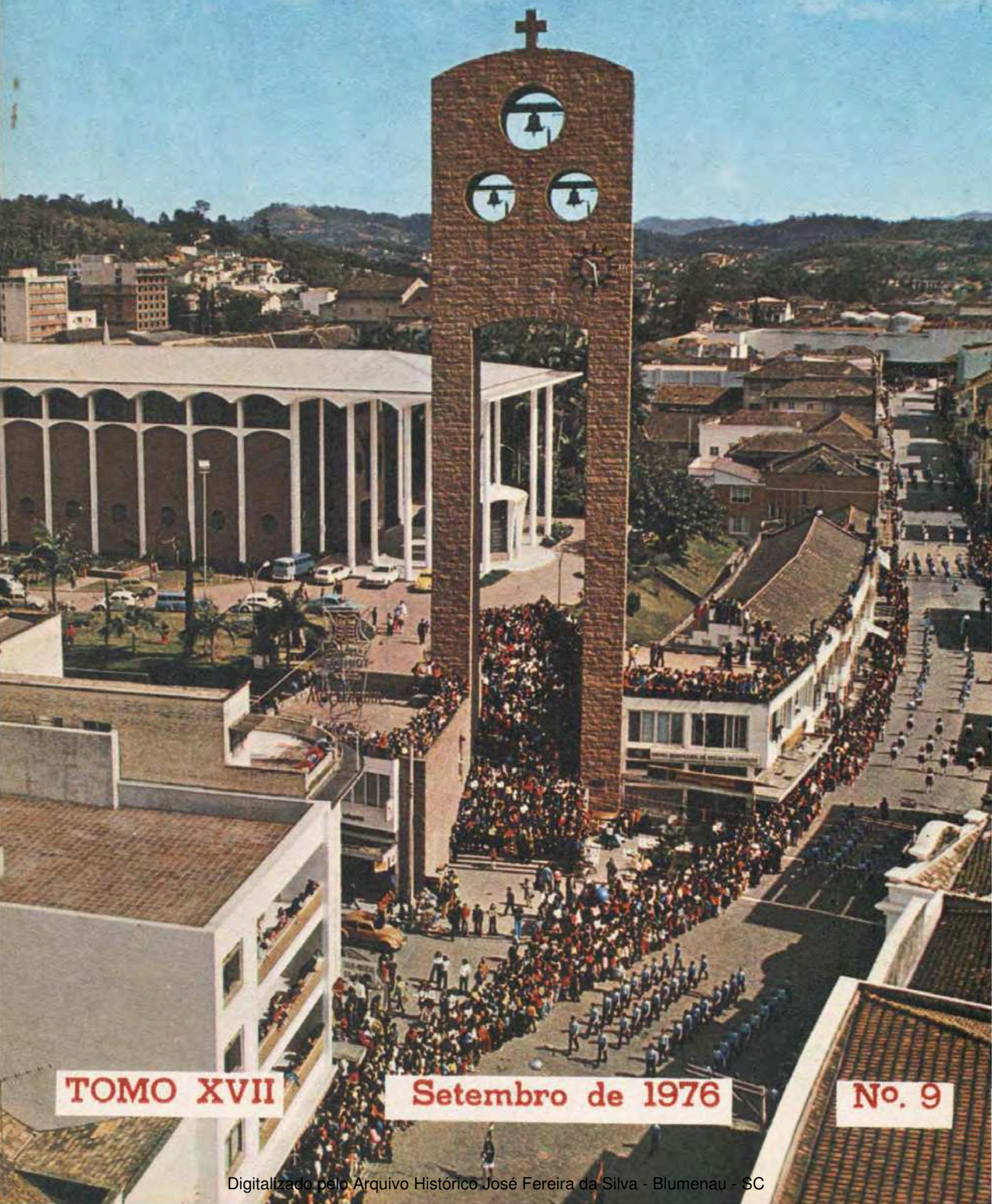


Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Setembro de 1976

No. 9

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Felix Häuer - Curitiba
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Fundação Teófilo Zdrozny - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann S/A. - Comercial - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Companhia Souza Cruz - Indústria e Comércio - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau

Blumenau

em Ladernos

TOMO XVII

SETEMBRO DE 1976

Nº. 9

O Dr. Blumenau e seus Filhos

— JEAN R. RUL —

Um dos parentes do Dr. Blumenau, após uma recente visita à nossa cidade fez observar que uma data, assinalada em nosso mausoléu, estaria errada. Referira-se ao último filho, Otto Georg Carl Blumenau, cujo falecimento não teria ocorrido no mesmo dia em que nasceu, a 3-3-1874, porém bem mais tarde.

O snr. F. C. Allende, Diretor Executivo, da Fundação "Casa Dr. Blumenau", nos pediu de investigar este caso, o que aceitamos com prazer e estendemos nossa investigação a outras divergências que já tínhamos verificado com o casamento e com os nascimentos dos filhos do Dr. Blumenau. Apresentamos agora o resultado destas pesquisas, que permitem eliminar algumas dúvidas existentes.

1. - Casamento Dr. Blumenau

- a) Lemos no Livro do Centenário, p. 98: "Durante sua permanência em Hamburgo resolveu, *pela segunda vez*, contrair núpcias".
- b) Em "Famílias Brasileiras de Origem Germânica" tomo I, p. 19, que publica uma genealogia parcial da família Blumenau, consta a respeito de Hermann, após a menção do nascimento de seus 4 primeiros filhos, porém sem indicação de um primeiro casamento, o seguinte:

"2a. vez, em 1867, casado com Berta Repsold. Pais de:

F5 - Otto Hermann Blumenau, nascido 3.3.1874... etc."

Estas duas informações causam a nítida impressão que o Dr. Blumenau já fora casado anteriormente, porém não é o caso. Ele esteve noivo apenas, conforme nos diz o livro do Centenário, p. 78 e 79: "... ela, filha de um militar estava disposta a acompanhá-lo e tornar-se sua esposa."

Este primeiro noivado parece ter ocorrido em 1849 ou 1850. Meses depois, quando já estava aqui, em fins de 1850, ele teve notícias de que a moça desistira e "... só 16 anos mais tarde, ele pensou de novo em contrair núpcias."

2. - *Data deste Casamento*

Ainda no Livro do Centenário, encontramos, p. 98: "O casamento realizou-se na referida cidade (Hamburgo) em 21 de março de 1867." Na sua "História de Blumenau" p. 92, o Prof. Ferreira escreve: "com ela se casou em abril de 1867"
Qual será a data exata?

3. - *Nascimento Pedro Hermann, primogênito*

a) Em "Famílias Bras. de Origem Germ." p. 19, é informado que o primeiro filho do casal Blumenau-Repsold teria falecido "menor". O segundo filho, Pedro Hermann, teria falecido na 1ª Grande Guerra, sem citar ano de nascimento.

b) na "História de Blumenau" do Prof. Ferreira, p. 105, ele diz: "Em novembro de 1869, o Dr. Blumenau volta ao Brasil e reassume a "direção da colônia que fundara. Vinha com a esposa e um filho, nascido "a 4 de maio de 1869, a que dera o nome de Pedro, em homenagem ao "Imperador..."

c) No Livro do Centenário, p. 98, podemos ler: "Dessa união nasceram 4 "filhos, um dos quais veio a falecer em tenra idade. O primogênito, de "nome Pedro Hermann, nasceu em Hamburgo no ano de 1868."

Destas três referências, a terceira deve ser a mais correta. Vejamos porque. Pedro Hermann Blumenau não pode ter nascido a 4 de maio de 1869, pois uma filha - Christiane Amalie - do casal Blumenau aqui nasceu a 10 de fevereiro de 1870. O nascimento de dois filhos com 9 meses de intervalo, se bem que não impossível, é pelo menos bem pouco provável. Assim a data correta do nascimento de Pedro Hermann deve ser 4.5.1868, ou seja cerca 13 meses após o casamento dos pais e 21 meses antes do 2º filho.

Destas datas podemos tirar a conclusão que Pedro Hermann é realmente o primogênito e que o casal Blumenau-Repsold teve apenas 4 filhos e não cinco como informa "Fam. Bras. de Origem Germ."

4. - *Falecimento de Otto Georg Carl*

O 4º e último filho do Dr. Blumenau, cujas cinzas estão também guardadas em nosso mausoléu, ali consta como tendo falecido no mesmo dia em que nasceu. A verdade é que esta criança alcançou a idade de 10 meses e 14 dias, falecendo a 17 de janeiro de 1875.

Concluindo, os filhos do casal Blumenau-Repsold foram:

- a) Pedro Hermann, nascido em Hamburgo, provavelmente a 4.5.1868.
- b) Christiane Amalie, mais conhecida por Christine, nascida em Blumenau a 10.2.1870, batizada pelo pastor Hesse a 12.5.1871. Padrinhos: 1) Eduard Averdick, ausente, em Hamburgo; 2) Helene Ahrens, nata Repsold, ausente, em Hamburgo; 3) Snra. Rosa Gaertner.

- c) Gertrude Clara Auguste, nascida em Blumenau a 27.12.1871, batizada pelo pastor Hesse a 19.2.1872. Padrinhos: 1) Snra. Jenny Wendeburg; 2) Snra. Clara Sierick; 3) Snra. Auguste Kegel.
- d) Otto Georg Carl, nascido em Blumenau a 3.3.1874, batizado pelo pastor Hesse a 21.6.1874. Padrinhos: 1) Snra. Anna Meyer, ausente; 2) Victor Gaertner; 3) Hermann Wendeburg. Otto faleceu em Blumenau a 17.1.1875, com a idade de 10 meses e 14 dias, de fraqueza geral, ou como o pastor Hesse registrou no assento de óbito: "allgemeiner Entkraeftung".

Cel. Pedro Christiano Feddersen

FREDERICO KILIAN

A 5 de outubro de 1957, data do 100. aniversário do nascimento de PEDRO CHRISTIANO FEDDERSEN, a Sociedade dos Amigos de Blumenau, hoje parte integrante da "Fundação Casa Dr. Blumenau" - prestou, junto a seu monumento à Praça Cel. Feddersen, com a participação das autoridades locais e as classes sociais e econômicas do município, por seus legítimos representantes, uma significativa homenagem a este grande AMIGO DE BLUMENAU, a quem a Câmara de Vereadores, em vida daquela ilustre figura, deveria ter concedido o título de Cidadão honorário de Blumenau, pelos merecimentos deste abnegado batalhador pelo progresso econômico e social e do destaque político de Blumenau, de cujo desenvolvimento foi um dos maiores pioneiros, em todos os sentidos.

PEDRO CHRISTIANO FEDDERSEN nasceu na cidade de Tondern, Província de Schleswig Holstein, que então estava sob o domínio do reino da Dinamarca, no dia 5 de outubro de 1857, tendo sido batizado com o nome de PETER CHRISTIAN FEDDERSEN, com o qual era largamente conhecido nos meios coloniais de Blumenau.

Após cursar a escola primária e absolver o curso secundário ingressou na carreira do comércio, aprimorando ainda mais sua instrução no período da aprendizagem da profissão que escolhera.

Terminada a aprendizagem e praticado o comércio por algum tempo na sua terra natal, mal tendo atingido a maioridade, Feddersen deixa sua pátria e família e emigra para o Brasil, onde pretende dedicar-se à agricultura.

No "Livro de Registro de Imigrantes" que existia no arquivo da Municipalidade de Blumenau e que foi destruído pelo incêndio na noite de 7 de novembro de 1958, constava o seguinte registro, feito pelo próprio Dr. Blumenau:

Nº 10526 - 22 Set. 1879 - FEDDERSEN, Peter Christian, 22 anos, lavrador, natural de Tondern, vapor Horrax de Antuérpia a Rio de Janeiro."

Contava, pois, Pedro Christiano Feddersen apenas 22 anos incompletos quando aqui chegou a 22 de setembro de 1879.

Possuidor de uma regular quantia em dinheiro, adquiriu um lote de terras nas proximidades de Badenfurth, mas reconheceu logo que, sendo solteiro e não havendo possibilidades fáceis em encontrar empregados braçais que o auxiliassem no cultivo do terreno e no arranjo doméstico de sua casa, não podia progredir no cultivo da terra. Abandonou seu plano primitivo e retornou à atividade comercial. Porém, como a enchente de 1880 causara grandes estragos na colônia e fizera recuar por muitos anos o surto de progresso que se estava desabrochando, prevendo que tão cedo não seria possível a um principiante firmar-se com estabelecimento próprio, pois a vida comercial achava-se paralisada e não era de se esperar para os próximos anos um rápido crescimento do comércio ante a falta de produtos da lavoura e das dificuldades de transportes causadas pela enchente, na qual muitos colonos perderam toda a sua fortuna, resolveu mudar-se para São Paulo, onde mais tarde casou-se com sua noiva Elsa Guthe, vinda da Alemanha, e lá se dedicou ao comércio em sociedade com outro comerciante, o qual porém, por deshonestidade e causando-lhe grandes prejuízos, foi a causa de seu fracasso naquele Estado. Alguns anos depois Feddersen voltou novamente para Blumenau, em companhia de sua esposa e de uma filha que lhe nascera em São Paulo.

Aqui, aceitando um convite de Gustavo Salinger, ingressou no negócio deste, para dirigir a filial da firma, localizada em Itoupava Seca, tornando-se, mais tarde, sócio de Salinger, cuja firma, pela atividade de Feddersen, e graças à sua larga visão, desenvolveu-se enormemente, tendo Feddersen, com a aprovação de Salinger, adquirido em Itoupava Seca uma espaçosa área de terras, para ali edificar um grande prédio e nele instalar o estabelecimento comercial e, anexo a este, vários edifícios onde se alojaram as diversas dependências industriais, para beneficiar os produtos da lavoura e pecuária, a fim de torná-los próprios para a exportação em grande escala e com isso conseguir melhores preços e concorrer com êxito nos mercados consumidores no país e principalmente no exterior.

Assim é que a firma Salinger & Cia. possuía instalações próprias e apropriadas para o beneficiamento da banha e manteiga, com latoaria e acondicionamentos adequados, tinha uma secção de escolha e seleção de fumo em folha, com fábrica de charutos e cigarrilhos anexa, na qual fabricava, por mês, naquela época, mais de 2 milhões de cigarrilhos, atingindo a exportação de fumo em folha selecionado a cerca de 10 mil arrobas por ano, o que naquela época representava considerável contribuição ao mercado consumidor e entrada de dinheiro à colônia.

A firma dedicou-se ainda ao beneficiamento de arroz, em grande escala, instalando também em Itoupava Seca, uma fábrica de arame farpado e serraria, com fábrica de móveis, esquadrias e tacos para assoalhos.

Podia-se dizer que não havia produto colonial algum, de cujo beneficiamento ou exportação a firma Salinger não se dedicasse.

Porém, não era somente como firma exportadora que Salinger & Cia. tomava a dianteira no comércio em Blumenau, mas também importando de tudo quanto necessitavam os colonos, os artifices, as pequenas e grandes

indústrias que iam surgindo. Sua especial atenção dedicava a firma à importação de máquinas e ferramentas agrícolas que visassem facilitar e incrementar cada vêz mais o desenvolvimento e o progresso da produção agrícola e pastoril.

Para maior facilidade do intercâmbio comercial entre a exportação e importação e o consumo mútuo dos produtos e mercadorias, objetos do comércio da firma, esta instalou em todos os recantos da colônia e fora dela, inúmeras filiais, perto de 20, cuja gerência entregava a pessoas capazes, muitas das quais mais tarde se emanciparam e se tornaram abastados comerciantes.

Reconhecendo que um dos principais entraves ao progresso dos agricultores e dos pequenos artifices e industriais, era a falta de capital, Feddersen proporcionou a todos, indistintamente, uma vêz que reconhecesse neles capacidade e honestidade, oportunidade para melhor se instalarem com maquinários, ferramentas, matérias primas, etc... concedendo-lhes crédito em grande escala, para aquisição de centrifugas de leite, máquinas de cortar forragens, ferramentas e máquinas acessórias para instalações de serrarias, de oficinas de todos os tipos, de engenhos de beneficiar arroz ou de fabricar açúcar e aguardente, etc...

O pagamento destas instalações e maquinários era feito com o fornecimento dos respectivos produtos, pelo preço do mercado. Assim Pedro Christiano Feddersen foi se impondo no conceito da população e também nos círculos comerciais, industriais e financeiros do país e do exterior, fato este que permitiu a Feddersen a empreender e executar várias obras de real importância e que deram a Blumenau a vitalidade que a elevou à posição invejável que desfruta incontestavelmente na vanguarda de todos os municípios catarinenses e que já foi laureado com o título honroso de um dos cinco municípios de maior progresso no Brasil.

Já nos primeiros meses em que se fixara, em 1879, em Blumenau, Pedro Christiano Feddersen, contemplava, quando em devaneio pela natureza, em seu lote colonial perto de Badenfurth, a força indomada do Salto do Rio Itajaí-Açu, onde o Dr. Blumenau havia construído um pequeno engenho de serra, nascendo-lhe então a idéia de grandes empreendimentos, com a construção de uma usina elétrica, já que naquela época, na Alemanha, a firma Siemens & Halske, A. G., se dedicava à construção de dinamos elétricos, uma invenção do Werner von Siemens, patenteada em 1866, para fornecimento de energia elétrica de alta e baixa tensão, mediante a utilização da força hidráulica.

Seus planos, quanto ao aproveitamento desta força, transformada em eletricidade, eram tão grandiosos e incutiram-se tão profundamente na imaginação de Pedro Christiano Feddersen, que ainda deles falava, com o entusiasmo do moço de 1880, quando o visitavam, 60 anos mais tarde, em sua residência em Itoupava Seca. Se tivesse conseguido realizar os seus planos, o bairro do Salto seria hoje uma cidade industrial das mais importantes do vale do Itajaí. Pretendia Feddersen localizar nos terrenos do Salto, que por sinal são livres de enchentes, grandes estabelecimentos industriais, tendo, quando já atuava e participava da firma Salinger & Cia., aprovação de alguns dos mesmos nos círculos financeiros da Alemanha, que estavam dispostos a investir grandes capitais para a sua realização.

Infelizmente as inquietações políticas nas primeiras décadas da República, retardaram por muitos anos a realização de muitos de seus planos, vindo a guerra de 1914 frustrar a execução de grandes obras planejadas que eram: a) Construção de uma grande fábrica de celulose e papel, em combinação com uma grande serraria e estabelecimento de beneficiamento de madeira; b) Uma grande fiação de algodão e tecelagem, com mais de 500 teares; c) Estação de tratamento de água potável, com grandes bombas de compressão e reservatórios a elevada altura acima do nível de Blumenau, para fornecimento de água potável à cidade e arredores; d) Uma grande cervejaria e fábrica de bebidas alcoólicas em Salto-Weissbach; e) Um moinho de trigo em Itajaí, cujo porto seria o maior e mais importante do sul do País e ficaria ligado, por meio da Estrada de Ferro, com o planalto catarinense até à fronteira com a Argentina e serviria de escoamento dos produtos de toda aquela zona. Estas eram as principais obras e empreendimentos que Feddersen planejava para serem executadas após a construção da usina elétrica no Salto e de uma Estrada de Ferro do planalto catarinense até o porto de Itajaí e da construção do porto desta cidade com modernas instalações e docas e de cais para atracação de grandes navios, inclusive obras de proteção da barra do Rio Itajaí.

Nos anos de 1882 a 1884, Feddersen já teve oportunidade para entrar em contato com círculos financeiros da Alemanha e chamar a atenção dos mesmos para o desenvolvimento econômico que estava tomando o vale do Itajaí e as grandes possibilidades para investimento de capitais.

Reconheceu Feddersen que, para um rápido desenvolvimento da zona colonial era necessário, em primeiro lugar, proporcionar-se à mesma meios de transporte rápido, seguro e barato. Por isso tratou, antes de tudo, conseguir a construção da Estrada de Ferro que ligasse Blumenau com o seu "Hinterland" e com o porto de Itajaí. Para isso esteve em 1903 na Alemanha, onde conferenciou, em Bremen, com o Diretor Geral do "Norddeutscher Lloyd", Dr. Wiegand e com os diretores da Companhia Hanseática de Colonização, em Hamburgo, que havia dado início a um plano de colonização na bacia do braço do Norte do Rio Itajaí-Açu, o Rio Hercílio, e seus múltiplos afluentes. Graças às suas argumentações claras e lógicas, comprovadas com farto material estatístico que lhe fornecera Theodoro Lüders e que consigo levava, conseguiu Feddersen que se formasse um consórcio de capitalistas alemães para financiar e executar a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, cujo traçado, aproveitando em suas linhas gerais os estudos realizados pelo engenheiro Emilio Odebrecht e seus auxiliares, previa uma ligação do porto de Itajaí com o planalto catarinense que seria cortado de leste a Oeste até a fronteira com a Argentina. A primeira etapa, porém, por ser a mais premente, e que consistia na construção do trecho de Blumenau à confluência do Rio Hercílio com o Rio do Sul, ao pé da Serra da Subida, foi iniciada em 1907 e terminada em 1910. Vinte anos mais tarde também foi terminada a construção do trecho até a cidade do Rio do Sul e após um longo período de de interrupção, que se prolongou por um período de cerca de 25 anos, a linha férrea alcançou finalmente o porto de Itajaí. Por circunstâncias várias, o prolongamento da estrada de ferro ao planalto catarinense e a travessia deste até a fronteira com a Argentina, não chegou a ser executado. Hoje,

ninguém mais ouve o apito da locomotiva, pois o tráfego da Estrada de Ferro Santa Catarina, está paralisado já há muitos anos.

No período de 1896 a 1900, durante o governo do Dr. Hercilio Luz, de quem Feddersen era grande amigo e admirador, conseguiu ele, na qualidade de representante de Blumenau, como Deputado ao Congresso Estadual, e com o seu prestígio político, a construção da estrada de rodagem de Subida a Lages e também o início da construção da Ponte do Salto, cujos pilares foram construídos no ano de 1897, ficando esta obra paralisada até 1912, quando foi reiniciada para ser terminada, com sua inauguração em 1913.

Mas Pedro Christiano Feddersen não descansava quando se tratava de trabalhar para o progresso desta terra que tanto amou.

Mal se haviam iniciados os trabalhos para a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, eis que Feddersen entra novamente em ação procurando contato com os círculos financeiros de Berlim, para conseguir o financiamento da obra que foi o seu primeiro sonho, a construção da Usina Elétrica do Salto.

Em 1908 foi a Berlim e aí conferenciou com vários diretores de bancos, aos quais expôs os seus planos e também os orçamentos fornecidos pela firma Bromberg, Hacker & Cia., com a qual já havia entrado em negociações. Finalmente, em 1911 foram assinados os respectivos contratos de financiamento e construção e logo depois de dado início às obras, cuja execução ficou a cargo da referida firma Bromberg, Hacker & Cia., que ingressou como interessada no consórcio formado pelos senhores Gustav Salinger, Pedro Christiano Feddersen, Paulo Zimmermann e Carlos Jensen, o mesmo se constituiu com o nome de "Empreza de Electricidade Salto".

Em 1º de Maio de 1915 entrou em funcionamento a Usina, que possuía então duas turbinas geradoras.

Sucessivamente foram ligadas à rede de energia elétrica as cidades de Blumenau, Gaspar, Itajaí, Brusque, Indaial, Warnow, Timbó, Rodeio, Ibirama, Rio do Sul, Tijucas e outras, levando a todos estes recantos a força propulsora para o progresso desta vasta zona.

Hoje a antiga Usina do Salto, mais tarde denominada "Empreza Força e Luz de Santa Catarina S/A", acha-se encampada pela "CELESC", integrando uma grande rede geradora de energia elétrica para todo o Estado de Santa Catarina.

Por si só estas duas gigantescas obras, pelo que contribuíram para o desenvolvimento de Blumenau e do vale do Itajaí, Estrada de Ferro e Usina da Força e Luz, já seriam mais do que bastante para tornar Pedro Christiano Feddersen merecedor da gratidão e do reconhecimento não só dos blumenauenses como também de toda a população do vale.

Imagine-se a inexistência nesta zona destes dois fatores decisivos que fomentaram o progresso e o rápido desenvolvimento do vale do do Itajaí, ou apenas o retardamento da execução destas obras.

Nem se pode calcular a lentidão com que se teria processado o desenvolvimento econômico de Blumenau e do Vale do Itajaí, se estas duas obras não tivessem sido executadas antes da primeira guerra mundial deflagrada em 1914.

Porém não são somente estas obras que Blumenau deve à atividade incansável de Pedro Christiano Feddersen.

Escrever a biografia de Pedro Christiano Feddersen, o que deixo aqui a cargo de pena mais autorizada, é escrever a história econômica, política e cultural de Blumenau, no período de 1880 a 1947, que compreende os 67 anos de atividade incansável de Pedro Christiano Feddersen em prol de Blumenau e seus legítimos interesses.

Após o retorno do Dr. Blumenau, em 1884, à Alemanha, foi Pedro Christiano Feddersen quem mais trabalhou, desinteressadamente, por Blumenau e seu progresso, sempre a posto, sacrificando seu tempo e suas economias, quando se tratava de defender os interesses desta Comuna. Tão logo ele sabia achar-se em discussão na Câmara Federal algum projeto de lei, que poderia prejudicar os interesses econômicos dos blumenauenses, Feddersen largava seus afazeres comerciais aqui e viajava para o Rio de Janeiro, onde conferenciava longamente com Ministros, Deputados, Senadores e técnicos no assunto, para fazer ver as causas desastrosas que as execuções de tais leis, em geral de caráter fiscal ou administrativo, trariam para o comércio e a indústria de Blumenau, então ainda no princípio de seu desenvolvimento. E não descansava, até conseguir a emenda ao projeto no sentido de melhor atender aos interesses econômicos de Blumenau e das classes produtoras, em geral, sem prejuízo das medidas salutares das referidas leis.

Pedro Christiano Feddersen foi deputado estadual em vários períodos legislativos e durante toda a sua vida um chefe político de grande influência não só no âmbito municipal, como também no estadual, tendo trabalhado com a coragem e abnegação que lhe eram peculiar, sob a bandeira republicana, ao lado de Hercílio Luz, Lauro Müller, de Victor Konder e outros catarinenses ilustres.

Sua atividade no setor social e cultural de Blumenau foi fecunda e benéfica. Foi ele um dos fundadores da Associação Comercial de Blumenau e da qual foi Feddersen, a seu tempo, um dos mais competentes orientadores e propulsores, incentivando as diversas iniciativas dessa corporação, quais sejam, entre outras, a instalação da rede telefônica na cidade e nos arrabaldes, o seguro do transporte marítimo, etc...

Raras as sociedades culturais aqui existentes das quais Feddersen não fizesse parte e às quais não prestasse todo seu apoio moral e material. O antigo prédio da "Teutônia", hoje Sociedade Recreativa Ipiranga, deve sua construção, no ano de 1893, em grande parte ao auxílio eficaz de Pedro Christiano Feddersen que, da mesma forma, foi um dos principais realizadores da fundação e construção da Escola de Altona, onde hoje se acha instalado o modelar Grupo Escolar Municipal "Machado de Assis". Pertencia ele ainda, por longos anos, à diretoria da Escola Nova de Blumenau, como também fazia parte do Conselho da Comunidade Evangélica de Blumenau. A "Crônica de Altona", um valioso livro manuscrito e ilustrado com lindas aquarelas par Max Humpel, então professor da Escola de Altona, foi feita às expensas e sob o patrocínio de Pedro Christiano Feddersen.

Mas também em assuntos particulares foi ele um conselheiro desinteressado e protetor bondoso e não eram poucos os que o procuravam em busca de conselho e ajuda, pois era ele conhecido como exemplar chefe de família, de caráter reto e possuidor de um coração cheio de bondade.

Com pesar devemos consignar aqui ainda um fato que o feriu profundamente e fê-lo sofrer uma grande injustiça, no final de sua caminhada.

Nos últimos anos de sua vida, quando já se havia retirado da atividade comercial e política, devido sua avançada idade e se recolhido ao merecido descanso em sua mansão num recanto quieto de Itoupava Seca, eis que uma autoridade, desafeta de Feddersen, o considera "súdito do eixo" (Feddersen, como sabemos, nascera em Tondern, quando esta cidade pertencia à Dinamarca, antes de ser incorporada à Prússia em 1866, voltando novamente à Dinamarca em 1918), - não obstante ter ele exercido por muitos anos o cargo de 1º Suplente de Juiz Federal em Blumenau e ocupado os cargos eletivos de Juiz de Paz, Vereador, Presidente da Câmara Municipal de Blumenau, Deputado Estadual por várias vezes, e ter, como representante eleito do povo, votado e sancionado, no Congresso, leis brasileiras e para brasileiros.

Por ordem desta mesma autoridade, que se prevaleceu das leis restritivas à liberdade dos súditos dos países do "eixo", foi-lhe interdito o uso de seu aparelho rádio-receptor, que ficou lacrado, bem como lhe foi proibido de sair de sua propriedade, não lhe permitindo nem mesmo o seu costumeiro passeio ao cemitério evangélico de Blumenau, para levar flores ao túmulo de sua finada esposa. Se houve injustiças praticadas sob a influência da psicose de guerra, esta foi uma das mais revoltantes.

Porém, Feddersen não se deixou abalar por estes fatos, aturou-os com paciência, conservando ainda até os seus últimos dias seu espírito de iniciativas e entusiasmo otimista, confiante no futuro glorioso de Blumenau, que tanto amou e ao qual dedicou suas melhores energias.

Os seus 65 anos de trabalho fecundo e ativo em prol de Blumenau, constituíram méritos mais do que suficiente para que lhe tivesse sido concedido o título de Cidadão Honorário de Blumenau.

Pedro Christiano Feddersen veio a falecer, com a idade de quase 90 anos, no dia 22 de junho de 1947.

Que sua vida, dedicada que foi inteiramente a Blumenau e sua gente, sirva de exemplo digno de imitação a todos os bons Blumenauenses.



Bodas de Ouro - Ernesto e Catarina Kaestner

Festejou sua bodas de Ouro no dia 14 de Agosto último, o distinto casal ERNESTO KAESTNER e CATHARINA BRUECKEIMER KAESTNER, pessoas vastamente relacionadas e descendentes de tradicionais famílias Blumenauenses. O evento foi comemorado com um jantar na sede do Bela Vista Country Clube a ele tendo comparecido grande número de parentes e pessoas gradas.

O BAIRRO RURAL

C. GAERTNER

O povoamento agrícola de uma região por colonos ou sitiantes estabelece, de espaço a espaço, ingurgitamentos nucleares que são originalmente os polos sócio-religiosos daquela população. Esses polos, denominados em São Paulo "bairros rurais", foram estudados em seus diversos matizes e transformações por Nice Lecocq Müller, Antônio Cândido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, esta última em sua obra "O Campesinato Brasileiro", Vozes, 1973. Os primeiros estudos foram feitos nos bairros tradicionais formados por luso-brasileiros nas vastas extensões territoriais ainda pouco povoadas.

Como toda organização, o bairro rural vem sofrendo transformações evolutivas perdendo alguns dos seus predicados, adquirindo outros novos, guardando, entretanto, suas linhas mestras originais. Variando de região a região, é interessante observar os bairros rurais nas colonizações alienígenas, sedentárias e minifundiárias, onde o trabalho agrícola e pastoril é efetuado pela família conjugal, com o trabalho de todos os seus membros, recorrendo por vezes, nas ocasiões do apuro das colheitas, a eventuais assalariados. Nas colonizações italo e teuto-brasileira do Rio Grande do Sul, os bairros rurais são denominados "linhas". A migração daquele Estado para o planalto catarinense, em busca de terras mais ferazes e baratas e de pinhais inexplorados, introduziu por vezes entre nós o termo "linha".

O núcleo central do bairro rural continua sendo a capela católica, luterana, missouri, pentecostal, mórmon ou de qualquer outra seita, acrescida do pavilhão para as festividades religiosas e da churrasqueira para a alimentação naqueles dias festivos. Ao lado dela está, geralmente, uma vendinha de secos e molhados, ou apenas o botequim da capela. Agora, nas proximidades do campanário já existe a escola pública estadual ou municipal.

As paróquias têm sede nas vilas distritais, onde está a igreja matriz, sendo administradas pelo vigário e por mais seis membros que constituem o Conselho Administrativo Paroquial, nome este que substituiu o antigo de Comissão de Fabriqueiros. — As capelas subordinadas à paróquia são administradas por quatro membros que formam o Conselho, coletando-se dos associados certa quantia anual, o dízimo, para a manutenção do culto, além do que se possa obter nas festividades realizadas no dia consagrado ao santo padroeiro. — As capelas protestantes regem-se de forma semelhante.

A escola pública estadual ou municipal é também fiscalizada por uma Comissão constituída por presidente, secretário (o professor) e tesoureiro, comissão essa que resolve ou encaminha para resolução os problemas atinentes ao estabelecimento. Os pais dos alunos contribuem com uma pequena taxa anual para a Caixa Escolar e, no caso da necessidade urgente de fundos para consertos, promovem festividades ou campanhas escolares.

Tomando-se como exemplo o município de Rio das Antas, encontramos nele os seguintes bairros rurais centrados pelas suas capelas: Gramado, Nossa Senhora do Loreto, Nossa Senhora das Dores, São Luiz, Salto do Rio das Pedras, Novo São Paulo, Capitel de São Cristóvão, São José do Rio Preto, Imbuial, Linha da Glória, São Domingos e Retiro Saudoso. Este último tem uma igreja da Assembléia de Deus. — Há ainda um pequeno centro, magnificamente marcado por uma igreja mórmon de alvenaria, no perímetro suburbano da vila de Ipoméia confundindo-se com esta.

Além da capela, da vendinha e da escola, o crescimento demográfico e a paulatina erradicação do analfabetismo vieram trazer para o bairro rural um outro elemento, a Secção Eleitoral, liberando o eleitor interiorano dos problemas do transporte e do almoço no dia da eleição, problemas estes aproveitados pelo poder econômico dos candidatos para uma segura caçada de votos de última hora, antes da instituição da cédula única.

Pelas listas eleitorais verificamos que a constituição dos bairros rurais obedece primariamente às relações de parentesco, embora sejam abertos a todos que nele adquiram terras. Os sitiantes, devido à solidariedade familiar, procuram estabelecer um vizindário de parentes. Principiam por duas ou três famílias conjugais que em alguns anos estão espaiadas no bairro em grande família colateral pelas consecutivas alianças matrimoniais. Na secção eleitoral do bairro Nossa Senhora das Dores estão inscritos mais de setenta eleitores de sobrenome Moresco.

Os bairros rurais não têm lindes geográficas e seus limites são estabelecidos pelo poder aglutinante da caça. As escolas contribuem para a delimitação, visto que não podem ser criadas a menos do que seis quilômetros umas das outras.

Há também bairros rurais fragmentados por diferenças raciais e religiosas, como, por exemplo, o bairro de Novo São Paulo. O núcleo é formado por três capelas católica, luterana e missouri. Os sitiantes, salvo alguns raros caboclos, são de ascendência teuto ou italo-brasileira. As diferenças de língua e de religião estabeleceram, a princípio a separação em dois grupos: os itálos, católicos, e os teutos, protestantes. Cada grupo vivia com seus hábitos, costumes e tradições, perdurando ainda entre ambos resquícios das máguas históricas produzidas pelas alianças militares das duas últimas grandes guerras. As crianças, como reflexo do que os pais pensavam em casa, ao se encontrarem trocavam doestos: — “Alemão batata!” — “Comedeira de sapo com polenta!”

Foi, pois, natural que a divisão racial e religiosa trouxesse a divisão política: os teutos eram da UDN por causa dos nomes germânicos dos candidatos Konder e Bornhausen; os itálos eram do PSD por causa dos nomes latinos Ramos e Galotti, ou apenas por puro espírito de contradição. — Os párocos de cada grupo retaliavam-se cordialmente, pois ainda estava longe o ecumenismo do Concílio Vaticano II. A endogamia era lei não escrita e ninguém casava fora do sangue e da religião.

Mas essa situação de rija intolerância durou pouco menos que uma geração. Os descendentes de alemães e de italianos, frequentando a mesma escola, cantando os mesmos hinos, reverenciando os mesmos símbolos da Pátria, e tendo como respaldo a identidade da língua portuguesa que aprendiam, foram crescendo amigos e colegas.

A escola pública tornou a geração mais compreensiva e tolerante, e o serviço militar veio cimentar o conceito de Pátria e de brasilidade. Mesclaram-se os usos e costumes, o italo passou a apreciar o "Schmierkäse", o "Sauerkraut" e as batatinhas fritas, e o teuto a gostar de coxinhas de rã à milanesa e da polenta com lardo e "radicchio".

A miscigenação transformou em pouco tempo Novo São Paulo num bairro unitário, solidamente ligado pelas alianças de sangue, pelo português como língua comum, pela camaradagem trazida dos quartéis, afrouxando-se as diferenças ritualísticas que os separavam. Já agora as festividades religiosas de cada capela são de toda a população do bairro, pois compreenderam que os diferentes ritos são como diferentes caminhos que conduzem ao mesmo Deus e ao mesmo Cristo.

O resultado dos casamentos exógamos foi o surto de uma raça de homens fortes e saudáveis, de belos espécimes femininos, de uma geração inteligente, tolerante, compreensiva, sem discriminações raciais e religiosas, reunindo harmoniosamente as belas qualidades genéticas dos nórdicos e meridionais.

Nesse entretanto, em todos os bairros os métodos de cultura foram melhorando, os colonos foram aceitando as sugestões dos agrônomos dos diversos órgãos estatais, reconhecendo que os mesmos tinham razão, que a colheita aumenta com a calagem que reduz a acidez da terra, com a aplicação racional de adubos apropriados, e com a rotatividade das culturas. Aceitaram aos poucos o uso de defensivos agrícolas e começaram a compreender que a devastação florestal indiscriminada traz o desequilíbrio ecológico e altera o regimen das águas. Aprenderam objetivamente, numa demonstração prática feita pelos agrônomos, que as abelhas são necessárias para a polinização dos pomares e que sem elas não há frutas. Passaram ao uso de tratores, discos, ceifadeiras, debulhadoras e trilhadeiras. Nem todos podem adquirir essas máquinas caríssimas, mesmo com o amparo do crédito agrícola, mas aqueles que as adquiriram, terminados os trabalhos próprios, efetuam trabalhos para terceiros. Lentamente o lavrador de subsistência está sendo substituído pelo agricultor de produção e estão se formando pequenas empresas agropecuárias. Por todos os bairros observam-se as construções longilíneas dos aviários e dos chiqueirões de suinocultura. Pelas encostas pedregosas sobem os vinhedos e em pomares bem traçados viçam, florescem e frutificam as macieiras, as nectarinas e os pessegueiros.

A melhoria das estradas vicinais e as suas ligações com as rodovias estaduais e federais, asfaltadas ou em vias de asfaltamento, fez substituir a tração animal pelo transporte motorizado, ganhando tempo e eficiência para alcançar os mercados consumidores.

Alguns bairros já foram beneficiados pela eletrificação rural. Os demais aguardam com interesse a chegada da energia que, nas suas polimorfias aplicações, lhes trará todo o conforto citadino.

Está começando a haver uma estratificação social estabelecida pelas qualidades pessoais, pela posição econômica, pela maior ou menor

área de terras possuída, pela disponibilidade de máquinas, implementos agrícolas e veículos motorizados. É evidente que nem todos progredem com igualdade. Fatores imponderáveis elevam alguns e abatem outros. Há os que não puderam passar da tração animal, e os que possuem jeeps, rurais, pick-ups, caminhões e carros de passeio.

A eletricidade trará ao ruralista todo o bem estar que se encontra na urbe, e deveria, teoricamente, prendê-lo à terra, pois vive na abundância de bens de consumo e com todo o conforto moderno. Mas — pensamos — a integração nacional trazida pelo rádio e pela televisão, esta última com o poderoso poder sugestivo da imagem e gozando de uma dimensão universal, para não dizermos cósmica, conscientizou o agricultor de que há um *status* superior conferido pela cultura. Vencendo economicamente pelo esforço estrênuo do trabalho físico, deseja para os seus descendentes melhores posições na vida. Já não lhe basta a escola pública do primeiro grau junto ao campanário. Há escolas superiores, fundações educacionais e universidades surgidas por toda parte, com os seus problemas, mas com as suas grandes possibilidades futuras. O abastado agricultor para lá envia os filhos. Basta citarmos, como exemplo, que a pequena comuna de Rio das Antas, essencialmente agrícola, tinha, em 1975, onze filhos da terra estudando medicina, além daqueles que cursam engenharia, odontologia, enfermagem, psicologia, filosofia, letras e cursos comerciais.

Pensamos, contudo, que se houvesse também tantas escolas de agronomia e de veterinária pela região, nelas estariam matriculados muitos outros rapazes, filhos de ruralistas. A presença e o exemplo dos agrônomos dos campos experimentais e de outros órgãos do Estado, lhes serviria de exemplo e estímulo.

A agricultura já está sendo considerada não mais como um humilde meio de vida, mas, como qualquer outro, um empreendimento comercial lucrativo. O empresário agrícola está se deslocando para as cidades onde reside com a família e onde tem melhores chances para a educação dos filhos. Vai diariamente atender os trabalhos rurais no sítio não muito distante, volta para almoçar em casa, regressando ao sítio para o turno laborioso da tarde. Só na pequena cidade de Rio das Antas há mais de vinte ruralistas que procedem desse modo, quase todos pomicultores.

Em muitos casos as ocupações principais são outras, tendo nas lides agrícolas uma forma de aproveitamento rentável das terras que possuem. Além disso, a residência do agricultor na cidade dá-lhe um *status* de burguesia que considera superior ao daquele que reside nas terras de trabalho.

Os bairros rurais estão passando por transformações drásticas trazidas pela melhoria dos fatores viários, energéticos e culturais. Vemos que o lavrador enriquecido procura para si e para os seus uma profissão de maior lucro, de menor trabalho e de melhor classe. E vemos, também, que o lavrador estacionário ou empobrecido abandona o campo pelas ilusões da cidade grande, onde termina engrossando o contingente dos favelados. É preciso, por um contínuo estudo da situação do ruralista e por incentivos e privilégios estabelecidos pelo Estado, fixar o homem à terra fazendo com que a profissão agropastoril seja tão procurada e desejada como a profissão médica.

HERANÇAS DO FOLK-LORE UNIVERSAL EM SANTA CATARINA

A. SEIXAS NETTO

- IV -

Devemos, antes de seguir adiante, apreciar o que seja um dito "parque de diversão", com suas *touradas*, extensão não legitimamente "folclórica" do culto universal ao Boi, do que o Boi-Mamão, é o mais exato representante em terras catarinenses. Embora ligada por vários vetores sociológicos, rama da arte pelotiqueira medieval principalmente, ao culto universal do Boi, as *touradas* de "parques de diversão" não sendo rigidamente folclóricas oferecem, contudo, alguns esclarecimentos de raízes folclóricas de vários povos, tornando-se, deste modo, uma espécie de conglomerado de informes vagos, de lendas mal transmitidas e até mal compreendidas. A palavra *majuá* não diz nada, pois é um brasileirismo das rodas de morro do Rio de Janeiro, mais uma gíria de favela para indicar um *bric-abrac* de jogatinas e sambas. A extensão do indicativo *majuá* para os *parques de diversão* nômades é porque nos ditos parques se pratica desde o teatro *mambembe* de *chanchadas* arrumadas à pressa, como rápidos e grosseiros plágios de peças teatrais realmente teatro, até a jogatina disfarçada em rodas de sorte, arrinhos, tiro no alvo, acerto de argolas, — (este uma corruptela moderninha do jogo da ferradura ou malhão português) —, *buenas-dichas* (falsa quiromância), e muitas outras *arrumações* de tomar dinheiro de *basbaques* nas cidades e no *hinterland* dos moradores de vilas e povoações pobres de alguma diversão a não ser o baile sabatino.

Depois, por detrás dos panos, barracas e tendas do *majuá* se passam cousas outras... e muitas. Os donos de *majuás* ou parques de diversões nômades, à falta de outros atrativos à paixões brutais dos assistentes, a quem só a jogatina e as mágicas não chegam para excitar, ajuntaram pequenas *touradas* reais já que o Boi-Mamão não daria mor efeito por ser *feira de tempo* isto é periódica-anual. Ao que sei, pois que isto andei investigando a sério por alguns anos, e a seguir explicarei a razão, no Brasil a *tourada* de *majuá* se iniciou em Mato-Grosso, na zona do Pantanal, onde o gado *vacum* se desparrama abençoadamente; daí, seguiu ao nordeste brasileiro, desceu pras Minas Gerais, e espalhou-se pelo sul do País; tudo isto a partir da década de 30, esparsamente, e depois mais intenso o uso pela proibição legal do Boi-na-Vara que em certas vilas do centro brasileiro não era só de sexta-feira santa mas de qualquer festa de orago. E agora a explicação do porquê gerador do estudo das implicações do Boi-Mamão: É que como Astrônomo tem muita importância para mim conhecer as mitologias, sagas, lendas e tradições dos animais levados às Constelações. Aliás, deste demorado estudo compus toda a parte mitológica do livro AS CONSTELAÇÕES, que será publicado em breve. Mas continuemos a estudar o *majuá*.

Na Idade Média européia havia dois tipos de *parques de diversões* ambulantes: O *parque gitano* (de ciganos), que corria as vilas européias e era o sustentáculo econômico das tribus nômades, afora os seus artesanatos em cobre e as suas habilidades de trapaceiros em diversas ramas, desde a leitura de *sortes* e feitiços pelas mulheres até o aluguel de artes da faca aos senhores das vilas para *mandar pra cucuia* concorrentes mais sérios; e o *parque peloliqueiro*, de pequenos artistas e malabaristas de teatro que não alcançavam o *estrelato* citadino mas tinham *artes* para apresentar em feiras, portões de castelos e paragens onde houvesse gente disposta a ver e lançar moedas nos chapéus. O *parque gitano* talvez tenha alcançado algum sucesso na América espanhola, mas na América portuguesa não, onde as tribus ciganas se deslocam pacatamente com seus *tachos* de cobre batidos e suas *ledoras de sorte*, e, às vezes, com arruaças para quebrar a monotonia. Mas os carroções de teatro ambulante chegaram ao Brasil, primeiro na Bahia, depois no Rio de Janeiro e se espalharam pelo País; com o passar do tempo os carroções foram sendo trocados por veículos automovidos e o parque do carroção passou a tendas e circos pré-armáveis. O centro do *parque de diversões* ou *majuá* é o teatrinho de chanchadas e os cantores populares em *show* caipira; ao redor do teatrinho, a jogatina, e mais recentemente, próximo do teatrinho um cercado ou mangueira de *lourear*. Assim, um ou dois caminhões chegam numa vila ou margem de cidade, alugam terreno ou requerem à autoridade municipal uma área desocupada e largam a tralha que se vai transformando em parque colorido e musical. Mas vamos à *tourada de majuá*; em área de poucos metros quadrados, evidentemente não dá para largar um touro bravo, mas um boi mais ou menos arisco *pinta os canecos*. E ali se repetem as *bravuras* das grandes *plazas de toros* do México e Espanha.

Mas não é só o *majuá* que consegue fazer touradas burlando a lei que proibiu as touradas em Salvaterra e outras partes do mundo. Há os rodeios americanos do norte, que são touradas livres e sem arenas, mas pura imitação dos mexicanos, onde se não há o ritual de morte há o ritual de força do homem contra o animal. E esses *rodeios* se espalharam de vária forma como cavalhadas, vaquejadas e outros.

x x x

Assim, são estas as atividades, em linhas divergentes, originadas do culto ao Boi. Mas folcloricamente todas têm alguma implicação ritual mais ou menos oculta. Mas de todas elas a folclórica precisa é o Boi-Mamão, que sendo simulacro, é um rito e traz uma invocação original: É um rito de aplacamento e de cura. E assim deve ser cultivado sem modificações progressistas.

Em Santa Catarina, os *majuás* datam de 1800 mais ou menos, quando eram uma associação de barraquinhas festivas de orago, teatrinho e jogos. Depois evoluiu para um certo *nomadismo empresariado*. Atualmente os *majuás* são mais ponto de jogos de azar ambulantes, alguns já se desfazendo do teatrinho em favor de alto-falantes, e da *mangueira* de tourear em favor de *carros de choque* e outras *cavalarias* mais ou menos violentas.

Figuras do Passado

JOSÉ E. FINARDI

ANTONIO FISTAROL

Filho de Giovanni Fistarol e de Angela De Menech, ANTONIO FISTAROL nasceu em Limana, comuna da província de Belluno, Itália no dia 22 de dezembro de 1851.

Em 1º de fevereiro de 1876, consorciando-se com Luigia Fiabani, filha de Bortolo Fiabani e de Anna Cibine, do povoado de Castion, também da província de Belluno, estabeleceu-se em Valmorel, pequeno povoado do distrito de Limana, onde o casal teve os seguintes filhos: 1) Amábile Fistarol, nascida em 1º de fevereiro de 1877; 2) Anna Fistarol, nascida em 28 de agosto de 1878; 3) Giovanni Fistarol, nascido em 16 de novembro de 1881 e 4) Rodolfo Fistarol, nascido em 18 de julho de 1883.

A essa época eram ainda intensas as atividades dos aliciadores visando o embarque para o Brasil, de colonos das províncias da região vêneta, especialmente para a Colônia Blumenau, onde já se haviam estabelecido apreciável número de belunenses, acossados pela situação de miséria em que viviam.

Não obstante possuidor de pequena propriedade em Valmorel, suficiente para garantir-lhe uma subsistência mais ou menos tranqüila, Antonio Fistarol decidiu também emigrar. Não foram, assim, as condições econômicas que o induziram a emigrar e sim a vontade de evitar que seus filhos viessem morrer na guerra. De fato, aquela região vêneta era teatro constante de batalhas, e o foi principalmente na guerra 1914-18 com as grandes batalhas de Vittorio Veneto e Piave. Delas teriam certamente participado os dois filhos e o terceiro, Giuseppe, nascido no Brasil.

Assim, em dezembro de 1885, juntamente com sua esposa, os quatro filhos e mais sua mãe e seu irmão Pietro Fistarol, embarcou em Gênova, pelo vapor "Cenisio", que aportou no Rio de Janeiro em 28 de janeiro de 1886, desembarcando na Ilha das Flores e daí para a Colônia Blumenau, reunindo-se com seus compatriotas de Valmorel, famílias Andreani, Demarch e Prade, já radicados em Guaricanas.

Com o produto da venda de seus bens na Itália, adquiriu a posse do lote Nº 1, da linha Ribeirão Guaricanas, onde lhe nasceram mais quatro filhos: Giuseppe, Rosa, Paulina e Giuseppina.

Homem de muita iniciativa, construída a cabana primitiva, feitas as derrubadas para as primeiras plantações de cana e mandioca, logo montou um engenho de farinha e outro de açúcar.

Integrando-se na vida da nova pátria, procurava inculcar o aprendizado da língua "brasileira", convencendo a todos que isto era consequência de uma situação de vida definitiva.

Por sua dedicação era muito estimado entre os guaricanenses, motivo por que foi muito lamentada sua morte prematura, ocorrida em 1891, com apenas 40 anos de idade, vitimado por uma forte pancada recebida quando de uma caçada que empreendera na Itália, antes de vir para o Brasil.

Os oito filhos menores que deixou, vieram, mais tarde, a casarem-se; Amabile, com Steffano Lanznaster; Anna, com Ângelo Possamai; Giovanni, com Philomena Lanznaster; Rodolfo, com Ana Grava; Giuseppe, com Maria Fornari; Paulina, com Anibale Debarba; Rosa, com Emilio Moser, todos residentes em Guaricanas. A filha Giuseppina, permaneceu solteira, dedicando sua vida, por mais de 50 anos, à assistência dos doentes, aos quais serviu com excepcional carinho, merecendo o título de Cidadã Bragantina, conferido pela Prefeitura de Bragança Paulista, onde faleceu em 1970.

Dos filhos de Antonio Fistarol, o que mais se sobressaiu foi GIOVANNI FISTAROL. Nascido em 16 de novembro de 1881, em Valmorel, distrito de Limana, Itália, contava apenas quatro anos de idade quando com seus pais e irmãos, chegou a Guaricanas.

Dotado de elevada inteligência, era muito estudioso, conseguindo apreciável nível de cultura através de muita leitura.

Em 14 de novembro de 1903, com 22 anos de idade, casou-se com Philomena Lanznaster, nascida em 16 de janeiro de 1882, ainda viva, com 95 anos de idade, filha de Antônio Lanznaster, o 1º colono a estabelecer-se em Guaricanas.

O casal teve os seguintes filhos: Antônio, falecido em 1.2.1921, com apenas 16 anos, Maria, falecida em 1957; José, Virgínio (Pe), Estevão, Ana, Luiza, Paulina e Antônio.

Muito integrado nos interesses da comunidade, Giovanni Fistarol preocupava-se sobremodo com o problema da educação das crianças para que aprendessem a ler, escrever e fazer contas. Por isto, se empenhava para que nunca faltasse o mestre, na época muito difícil, procurando-o onde fosse possível. Em certo período ele mesmo se habilitou para lecionar no modesto prédio escolar, que construiu quase totalmente às suas expensas. Muito justa foi, por isto a homenagem prestada, dando-se o seu nome à Escola Estadual, recentemente inaugurada, vizinha à sua casa, em Guaricanas.

Dotado de grande senso de justiça, enérgico, mereceu ser distinguido pelas autoridades de Blumenau, com a designação para Inspetor de Quarteirão, cargo que exerceu por longos anos, com elogiável lisura e correção.

Com sacrifício dos interesses materiais de sua família, foi também gerente da Sociedade Cooperativa Guaricanas, instado para salvá-la dos seguidos apuros por que passava.

Embora conservando de sua Itália, gratíssima e afetuosa recordação, integrou-se de corpo e alma na nova Pátria e, beneficiado pela Grande Naturalização, instituída pela Constituição de 1891, inscreveu-se cedo como eleitor e cumprindo os demais deveres cívicos, inclusive adotando seu nome traduzido para *João*.

Homem de bem e muito piedoso, deu esmerada educação religiosa a seus filhos, considerando a maior glória de sua laboriosa e profícua vida, ter encaminhado ao sacerdócio, com os Salesianos, um dos seus filhos: Pe. VIRGÍNIO FISTAROL.

Este, no exercício de suas atividades de educador e sacerdote, prestou relevantes serviços nos setores educacional e social, em vários pontos do país, tendo ocupado altos postos no magistério pátrio e no comando da Congregação Salesiana.

Em Ascurra, de 1961 a 1967, foi Diretor do Colégio "São Paulo", período em que este educandário, graças à magnífica atuação de Pe. Fistarol, registrou o maior número de matrículas, tornando necessária sua ampliação, concretizada com mais um pavilhão para refeitórios, cozinha e oficinas, aumento dos pátios de recreio e outras obras complementares, inclusive a construção de espaçosa e arrejada capela, substituindo a existente que se tornara insuficiente.

Entre os numerosos méritos deste atuante sacerdote, merece um destaque especial, o ter sido ele o primeiro a acreditar em Brasília, proporcionando-lhe assistência religiosa logo no início da construção e lá fundando o primeiro Colégio - o Colégio Dom Bosco - modelar educandário da capital brasileira.

João Fistarol faleceu no dia dois de junho de 1967, com 86 anos de idade. Sua esposa Philomena, contando atualmente 95 anos, plenamente lúcida, reside ainda na mesma propriedade em que há quase um século, se estabeleceu a Família Fistarol, em Guaricanas, constituindo-se na mais idosa sobrevivente da colonização italiana do antigo município de Blumenau.



Dr. Oswaldo Cabral e "A COLONIZAÇÃO DE ASCURRA"

Ao estimado amigo e confrade
FEDERICO CARLOS ALLENDE.

Com o meu mais cordial abraço, agradeço a gentileza da remessa que me fez do livro "COLONIZAÇÃO ITALIANA DE ASCURRA" de autoria de José E. Finardi.

Como sabe o amigo, sou francamente adepto da publicação de monografias que contém a história dos Municípios e seus pequenos núcleos e comunidades. Por elas poderemos, ou alguém poderá, no futuro, escrever uma completa história de Santa Catarina, nos moldes da idealizada pelo saudoso Almirante Carlos da Silveira Carneiro.

Em geral, há muita falta de dados, ou há muitos dados incompletos, de maneira que, tais publicações são de indiscutível utilidade.

Assim, felicito o amigo por mais esta publicação da "Fundação Casa Dr. Blumenau" - e faço meus votos para que outras surjam, recompensando o trabalho do amigo, que a ele se dedica com a mesma fé e o mesmo entusiasmo que alimentaram o nosso saudoso Ferreira da Silva.

Meu abraço!

Oswaldo R. Cabral

AS PRIMITIVAS CASAS E A ORIGEM DOS TIJOLOS EM RIO DOS CEDROS

Documento do Imigrante Pietro Trentini escrito em 1900

Síntese do P. Victor Vicenzi

(Traduzido do italiano)

Os colonos italianos durante os primeiros 20 anos, somente construíam suas casas de madeira, fechadas com tábuas ou de ripas de palmitos, cobertas com folhas ou com pequenas telhas, também de madeira, chamadas de "scândole".

A floresta aqui, fornecia todo o material necessário para construir uma decente moradia, suficiente para se defender do frio e do calor. A canela, o jacarandá, a tachuba, o cedro, a caruba, a cangerana, o aribá e outras árvores de qualidade, eram muito abundantes e resistentes ao tempo. Por isso empregavam-se nas obras de construção. Delas tiravam-se os esteios, as linhas, as tesouras e os sarrafos, em geral esquadrinhados à mão. Ainda hoje existem muitas dessas construções velhas, que mostram como se construía antigamente.

Para cobrir o telhado, usava-se um tipo de folha muito larga e consistente, que durava até 10 anos. Com 200 folhas desse material se fazia um metro quadrado de telhado. Por isso a construção da segunda casa desse tipo, tornava-se bastante fácil e barato, de vez que o colono podia ele mesmo construí-la, desfazendo-se daquela primeira de emergência, feita de pau a pique, apenas como abrigo tosco para se defender do tempo e dos animais ferozes.

O palmito é uma planta sem ramos. Cresce como a palmeira e está encimado por um só grupo de folhas, com altura de 10 a 15 metros. Da grossura de 25 cm de diâmetro, torna-se fácil rachá-lo em pequenas e mínimas achas, até em 8 partes. Assim, aqueles colonos que não podiam ainda fechar suas casas com tábuas, o faziam com essas ripas de palmito, amarradas com cipó e revestidas em seguida de barro.

O cipó-imbé, nome originário da língua tupi-guarani, é um junco curioso para estudo. Nasce, cresce e prende-se nas mais altas árvores, deixando cair, depois, inúmeras cordas de 10 até 20 metros de comprimento, da grossura de um lápis, fortes e resistentes, chegando até o chão, onde formam raízes, agarrando-se fortemente à terra. Neste estado, amadurecem, podendo suportar comodamente o peso de um homem. Cortado da altura das raízes, o cipó seca; mas sua consistência pode perdurar por muitos anos, uma vez conservado em lugar seco.

As casas assim elegantemente construídas, apresentam uma perspectiva bastante pitoresca. Em Rio dos Cedros, em geral, essas casas que substituíram os primeiros barracos, eram assim.

A partir do ano de 1880, o tijolo foi substituindo as tábuas. Esta nova indústria iniciou suas atividades pelo sistema trazido da Itália por Pietro Trentini. Não se usava forno fixo. A fabricação do tijolo era feita

no local onde seria construída a casa ou a igreja. Quem precisasse, por exemplo, de 20.000 tijolos, Pietro Trentini fabricava-os no local da construção, secava-os e queimava-os ao ar livre, de forma a não acarretar nenhuma despesa de transporte para os interessados. Nesse lugar cavava-se e preparava-se o barro com os pés e mais tarde com os cavalos. O barro assim preparado era atirado com força braçal nas formas de madeira adrede preparadas e o tijolo armado para secar ao sol. Por fim ajuntado, era queimado sem o uso de fornos.

Esse tipo de fabricação, como vimos, foi obra de Pietro Trentini, que com habilidade orientava a fabricação gratuitamente, para todas as famílias que o desejassem.

Pietro Trentini, era também pedreiro. Como não havia ninguém capaz de levantar casas de material, o povo depositava nele, toda a confiança. Ele na Itália, como militar em Casale Monferrato, aprendera, teoricamente a construir; mas faltava-lhe a prática. Teve, portanto, de início, que enfrentar sérias dificuldades, facilmente superadas pelo conhecimento teórico que possuía.

Pietro Trentini, em companhia de Luigi Bassan e seus filhos, pôde prestar assim relevantes serviços às comunidades neste ramo, nos primórdios de sua formação. Ainda nos nossos tempos existem daquelas antigas casas construídas por ele, muitas delas do tipo enxaimel.

Com esse mesmo método, foram construídas, outrossim, diversas pequenas igrejas e escolas, mais tarde demolidas, para dar lugar a outras maiores e mais modernas. Assim foram fabricados e assentados até 1900, cerca de 450.000 tijolos da maneira como ele havia aprendido na Itália.

Trentini, Bassan e seus filhos, não se dedicavam, entretanto, inteiramente a essa profissão. Aproveitavam o tempo disponível e as ocasiões que apareciam, trabalhando a baixo preço, sem visar lucros, unicamente para servir os colonos. No mais, eles trabalhavam no campo dedicando-se à agricultura.

Parece ser de justiça lembrar seus nomes no Primeiro Centenário da Imigração Italiana em Rio dos Cedros, si se tem em vista a sua abnegação e inteira dedicação a favor do povo, constituindo-se sem o perceber, em primeira "Companhia Construtora Riocedrense".

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 25,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinatura para o exterior, Cr\$ 50,00 anuais

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

GENEALOGIA

JEAN R. RUL

FAMÍLIA WAGNER

II

F1 - *Christian Wagner* *1816 X *Maria Anna Goedert* *1820

Pais de:

N1 - Maria Wagner *11.7.1842, batizada 14.7.1842 pelo padre Coriolano, de São José (fls. 256).

N2 - Henrique Wagner *7.9.1844. bat. 29.10.1844 pelo padre Paiva, de São José (fls. 368v).

A informação a respeito destes dois filhos foi tirada de "Frutos da Imigração" p. 205, onde eles constam como filhos de Christiano Wachs e de Mariana (Quití ou Kodsch) netos paternos de Jorge Wachs e de Maria (Cirtis) e maternos de Jacob (Quití ou Kederck) e de Mariana (Schwartz?). Os nomes entre parêntesis foram considerados duvidosos pelo Padre Reitz, por serem quase ilegíveis. Os nomes corretos são: Wachs - Wagner; Quití, Kodsch, Kederck - Goedert; Cirtis - Kurz e Schwartz - Schwarz.

N3 - Vicente Wagner *18.12.1846 e foi batizado em São José conforme assento a fls. 52v, do seguinte teor:

"Baptizei 26.1.1847 Vicente, nascido 18.12.1846, filho legítimo de "Christiano Vagner e de Maria Guedra. Avós paternos Jorge Vagner e Maria Cras. Avós maternos Jacob Guedra e Maria Schuart. "Nativos da Prússia. Padrinhos: Vicente Silveira de Souza e Anna "Maxiracia (?) de Souza. E para constar foi este termo que assignei: "Vigário Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva." Na margem: Na Matriz São José.

N4 - Agnes Wagner *1854. Em um passaporte de 1922 ela consta como tendo 68 anos. Ela casou aprox. 1875, em Florianópolis ou São José, com Hermann Moellmann *18.2.1846 em Remscheid, filho de Carl Moellmann (*16.10.1817) e de Lisete n. Hilberts (*1823). Hermann, com seus pais e irmãos, imigrou em 1861 tendo permanecido um tempo na Colônia Santa Isabel, para se estabelecer mais tarde em Florianópolis, onde Carl fundou em 1869 a Casa Moellmann, da qual Hermann foi diretor após o falecimento do pai. (vide Blumenau em Cadernos Tomo X, de 1969, p. 221: "Cem anos de uma grande organização"). Pais de 8 filhos (B1 a B8), 26 netos (T1 a T26) e um mínimo de 10 bisnetos (Q1 a Q10).

Não dispondo ainda de dados suficientes sobre os descendentes de Hermann e de Agnes, n. Wagner, apresentaremos a genealogia Moellmann, assim como maiores informações sobre os irmãos de Agnes, como complemento após o término da genealogia da família Wagner.

F2 - (Johann) Peter Wagner (1818-1901) X Agnes, n. Haendchen (1819-1862)

Pais de:

N5 - Margarethe Wagner *21.2.1840 em S. P. A.

Fins de 1854 ela noivou com Carl Friedrich Julius Baumgarten, mais conhecido por Júlio, porém, como ela era ainda tão jovem, não pensavam os noivos em casar logo. Entretanto, em março de 1855 o pastor Hölzel, da Colônia Dona Francisca (Joinville), veio a Blumenau para dar assistência espiritual aos colonos que, então, ainda não tinham pastor próprio, pois o pastor Hesse só chegou em julho de 1857.

Querendo aproveitar esta oportunidade e com o acordo dos pais dela, resolveram casar, porém, diz uma tradição de família, que o pai de Margarethe teria imposto a condição de que, no primeiro ano, o jovem casal não poderia conviver, por ter a menina apenas 15 anos. Se este acordo realmente chegou a existir, não foi muito bem cumprido pois o primeiro filho nasceu pouco mais de um ano após o casamento.

As núpcias realizaram-se a 20.3.1855 e foram as primeiras realizadas em Blumenau, junto com as de Wilhelm Schoenau com Catharina Lucas, esta, prima de Margarethe.

Júlio Baumgarten tinha vindo ao Brasil em junho de 1853. Nasceu a 23.2.1832 em Lehre e era filho do pastor graduado Karl Julius Baumgarten (1799-1855) e de Emilie, n. Engelbrecht († 14.12.1833). Júlio escreveu uns "Apontamentos" sobre a viagem e suas impressões sobre a Colônia, que foram publicados em "Blumenau em Cadernos" Tomo IV, julho de 1961, p. 121 e que merecem ser lidos. Margarethe faleceu a 1.9.1861 ao dar a luz a seu 4º filho, quando ela tinha apenas 21 anos. Ela foi sepultada no C. E. B. Júlio XX 24.2.1863 com Dorothea Rosalie Auguste Rischbieter, que lhe deu ainda vários filhos. Ele faleceu 21.6.1893 e foi sepultado no C. E. B.

Pais de:

B9 - Hermann Baumgarten *4.4.1856 † 6.2.1908 foi o pioneiro do jornalismo e da tipografia em Blumenau. Casou 25.3.1882 com Marie Gisele Deeke * 29.4.1862 Brusque † 9.3.1947, filha de Frederico Deeke (1829-1895) e de Christiane Johanna Krohberger (1839-1897).

Pais de:

T27 - Alfredo Hermann Baumgarten *6.6.1883, fotógrafo e jornalista, casou 15.5.1909 com Selma Clara Altenburg *10.2.1887 filha de Luis e de Clara Breithaupt. Pais de:

Q11 - Hans Joachin Hermann Baumgarten *12.8.1910,

Q12 - Alfred Luis Baumgarten *10.3.1912,

Q13 - Hugo Julius Baumgarten *16.2.1914,

Q14 - Margarete Baumgarten *23.10.1917,
com descendência.

T28 - Liana Margarete Christine Baumgarten *12.1.1885, reside em Blumenau com seu genro. Casou 9.9.1914 com Karl Friedrich Wilhelm Ladenstein *9.3.1888 em Hattingen, Westphalen, filho de Heinrich e de Amalie n. Schmoehling. Pais de:

- Q15 - Rosemarie Ladenstein *19.3.1917 †8.8.1971 X Acary Guimarães *23.10.1904 Pedras Brancas, SC, durante longos anos gerente do Banco Nacional do Comércio, em Blumenau, onde ainda reside. Pais de Yara Guimarães *4.6.1938 e Arani Guimarães *11.6.1939 †8.5.1971.
- T29 - Hermann Leopold Baumgarten *24.7.1886, reside em Itoupava Seca, era dono de uma tipografia, aposentado. Casou 22.2.1913 com Theresia Schloegl *15.2.1891, filha de Georg e de Bertha Peyerl. Pais de:
- Q16 - Hermann Carl Alfred Baumgarten *5.1.1914
 Q17 - Hildegard Baumgarten *7.2.1916
 Q18 - Georg Rudolf Baumgarten *6.4.1918
 Q19 - Adolf Baumgarten *11.5.1920
 Q20 - Waldemar Baumgarten *3.9.1921
 Q21 - Felip Baumgarten *27.2.1923
 Q22 - Ursula Maria Augusta Baumgarten *17.1.1925
 Q23 - Robert Baumgarten *13.1.1927
 com descendência.
- T30 - Julius Baumgarten *30.4.1888 †9.5.1949, sepultado C.E.B. Dono de tipografia e jornalista. Casou 22.10.1924 com Carolina Reif *6.9.1899, filha de Gottlieb Reif (1852-1927) e de Catharina Wendt. Pais de:
- Q24 - Vera Maria Catharina Baumgarten *28.2.1926 X 25.9.1948 com Arno Odebrecht *24.10.1917 Apiuna, SC, advogado em Blumenau, filho de Oswald Odebrecht (1869-1956) e de Else Vogt. Pais de Rubens *1950, Clarisse *1952 e Silvia Odebrecht *1956.
- Q25 - Elimar Julius Gert Baumgarten *20.10.1927 X 8.10.1949 com Dorit Strobel *5.7.1927 filha de Fritz e de Rose n. Koch. Pais de Eliane*1950 e Júlio Frederico Baumgarten*1956.
- Q26 - Reimar Julius Hermann Baumgarten *13.6.1930 X 30.3.1952 com Marly de Souza *28.9.1936, filha de Braulio de Souza e de Maria Melin de Souza. Pais de 4 filhas: Lais e Vanessa, gêmeas, *1953, Christina *1956, Reimara Baumgarten *1967.
- T31 - Frieda Baumgarten *12.12.1889 X Eugênio Tonolli que faleceu dois anos depois do casamento. Sem filhos. Ela †24.5.1972.
- T32 - Ricardo Baumgarten *29.8.1892 †11.8.1973 São Paulo. Casou com Maria Madalena Finster, que ainda vive em São Paulo. Pais de:
- Q27 - Richard Harald Baumgarten *21.1.1927
 Q28 - Julius Lothar Baumgarten *16.8.1928
 Q29 - Astrid Baumgarten *11.12.1934
 Q30 - Maria Luíza Baumgarten *17.6.1938.
- T33 - T34: dois filhos falecidos pequenos.
- B10 - Marie Louise Agnes Baumgarten *15.6.1858 †13.12.1930 X 28.5.1876 com o engenheiro Theodor C. J. Kleine *5.8.1850 em Sabowice †12.7.1900, filho de Carl Theodor Eugen Kleine (1820-1882) e de Ida, n. Dittrich (1817-1915). Pais de:

- T35 - Erna Kleine *5.8.1877, bat. 17.1.1879 confirmada PEB 17.5.1891.
- T36 - Klara Kleine *16.9.1878 †19.2.1964 X 3.8.1898 Max Alfred Hering *4.7.1875 Tannhausen, †23.1.1967, filho de Friedrich Hermann Hering (1835-1915) e de Anna Minna, n. Foerster (1839-1906). Pais de :
- Q31 - Max Victor Hering *28.7.1902 †7.2.1961 X 20.10.1934 com Eulalia Mueller *1909. Pais de Klaus *1935, Elke *1940 e Maike Hering *1944 todos casados com descendentes.
- Q32 - Lilly Hering *3.10.1904 X 15.8.1925 com Walter Schelling *29.3.1898 Buenos Aires. Com sucessão.
- Q33 - Annemarie Hering *13.8.1910 X 23.4.1931 com Kurt Prayon *31.3.1900 Duesseldorf †1.2.1970. Pais de Hans Prayon, cônsul da Alemanha em Blumenau e de Ina Maria Prayon X Dieter Hering, com sucessão.
- T37 - Theodora Kleine *15.6.1880 São Lourenço, RS, casou 3.8.1898 com Rudolf Otto Odebrecht *26.2.1871 †10.1.1947, filho de Emil e de Bertha n. Bichels. Pais de :
- Q34 - Julius Odebrecht *29.6.1899 †19.10.1965 Itajaí, X 15.6.1922 Rio do Sul com Johanna Kieser *4.12.1902 Stuttgart †20.11.1950. Pais de Liselotte Odebrecht *1923 X Alfredo Iten; Ilse Odebrecht *1924 X Arcio Avila dos Santos e Hans Rodolfo Odebrecht *6.1.1928 X Lenir Maria Reis. Todos com descendentes.
- (Q34) - Julius Odebrecht XX 13.5.1953 Timbó, SC, com Frieda Schlissel.
- Q35 - Felix Odebrecht *21.10.1900 X Martha Lambert *30.1.1902 Golda. Pais de Inge Vera Odebrecht *1926 X Jaime Dorigatti; Sigrid Odebrecht *1928 X Celso Gevaert; Isolde Odebrecht *1930 X Carlos Schneider; Rodolfo Odebrecht *1931 X Margit Illgg; Werner Victor Odebrecht *1935 X Diair Didimo e Friedl Odebrecht *1938 X Antônio Rogério Haenisch. Todos com filhos.
- Q36 - Alfredo Odebrecht *12.7.1904 X 1928 Rio do Sul, SC, Irma Wilde *1899 †15.8.1965. Pais de Carla *1930 X Otto Hupfeld; Lore Odebrecht *1932 e Horst Odebrecht *1937.
- Q37 - Wally Odebrecht *22.11.1906 X Herbert Heidrich, sem sucessão.
- Q38 - Theodoro Odebrecht *18.7.1909 X Renate Knoblauch *24.3.1918 filha de Leopold Knoblauch (neta de Leopold Knoblauch senior e bisneta de Dorothea Wagner N7) e de Otilie Ruchty. Pais de: Gert *21.10.1937 X Lourdes E. Hamann; Curt *23.10.1939; Claus *16.2.1941; Herbert *15.11.1942 X Mariza Dione Weiss; Ilca *2.12.1948 e Theo Odebrecht *23.4.1950. Todos nascidos em Rio do Sul, SC.
- A genealogia da família Odebrecht, aqui resumida, poderá ser encontrada em "Famílias Brasileiras de Origem Germânica" Tomo V p. 846 a 858, onde está amplamente descrita desde início do século XVII.

- T38 - Hedwig Kleine *8.8.1883 †26.5.1945 X 26.5.1906 com Curt Viktor Hering *8.5.1881 †26.12.1948, Prefeito de Blumenau, diretor presidente da Ind. Text. Cia. Hering, filho de Friedrich Hermann Hering (vide T36). Pais de:
- Q39 - Ingo Wolfgang Hering *25.3.1907, diretor presidente da ITCH X 5.5.1934 com Lilly Weege *27.9.1911 Jaraguá do Sul, residem em Blumenau. Pais de Dieter *5.10.1937 X 3.4.1965 com Ina Maria Prayon (vide Q33); Ivo *17.12.1942 X 8.1.1966 com Rotraut Sammet e Uta Hedy Hering *15.1.1946 X 25.10.1969 com Klaus Eduardo Meyer. Todos com filhos.
- Q 40 - Isolde Hering *21.8.1917 X 17.5.1941 com Max Tavares d'Amaral *2.6.1906 Itajaí †12.8.1972 Rio de Janeiro, advogado e historiador. Com sucessão.
- T39 - Agnes Karoline Kleine *2.10.1884, bat. 2.5.1885, confirmada P.E.B. 26.3.1899.
- T40 - Rudolf Carl Eugen Kleine *17.1.1889 negociante X 25.4.1914 com Gertrud Elisabeth Margarete Kegel *11.5.1895 filha de Fritz e de Anna Wuenscher.
- T41 - Viktor Kleine *17.11.1893 engenheiro em Itajaí X 28.4.1920 com Catharina Schulze *4.11.1893 filha de Oskar Schulze e de Susanne, n. Krempel. Pais de:
- Q41 - Juergen Rolf Theodor Kleine *15.10.1921.
- B11 - Hedwig Baumgarten *6.3.1860 †26.9.1860.
- B12 - Carl Friedrich Julius Baumgarten *1.9.1861. Sua Mãe faleceu ao trazê-lo ao mundo e ele foi criado pelos seus avós maternos, Peter Wagner e esposa, até que o pai tenha contraído novo matrimônio. Ele mudou-se para o Rio Grande do Sul, onde casou com Dona Percília que lhe deu pelo menos um filho:
- T42 - Victor Hugo Baumgarten.
A genealogia da família Hering, aqui resumida, poderá ser encontrada em "Famílias Brasileiras de Origem Germânica" Tomo VI, p.107 a 112, com os antepassados desde o século XVII.
- Margarethe Baumgarten, n. Wagner apesar de ter falecido com apenas 21 anos de idade, teve 4 filhos, 16 netos e um mínimo de 31 bisnetos.
- N6 - *Eugen Wagner* *1842 aprox. em S.P.A.
Temos muito poucas referências à sua pessoa e sabemos de sua existência por um levantamento feito por seu primo Leopold Knoblauch, em que Eugen é citado como "empregado, procurador de Fernando Hackradt, no Desterro, onde morreu de febre amarela". Além disto, ele foi duas vezes padrinho em Blumenau, ambas em 1872, de sobrinhos nascidos naquele ano.
Eugen foi convidado a trabalhar com Fernando Hackradt porque a esposa de Fernando era sua prima. Com efeito, Fernando era casado com Maria Haendchen *5.1.1839 S.P.A., filha de Antônio Vicente Haendchen e de Gertrude Zimmermann. Antônio Vicente Haendchen, † Itajaí 21.9.1862, era irmão de Agnes Haendchen, esposa de Peter Wagner e mãe de Eugen.

Fernando Hackradt, antigo sócio do Dr. Blumenau de 1848 a 1850 para a fundação da Colônia, tinha montado firma em Desterro, da qual se retirou em 1871, deixando-a entregue aos cuidados de seu filho Fernando Junior e a seu sobrinho Carl Hoepcke. Portanto, Eugen era procurador pelo menos antes de 1871 e é de supor que, para preencher este cargo de confiança, ele tivesse um mínimo de 25 anos o que nos permite fixar seu nascimento para uma época anterior a 1847. Eugen Wagner faleceu em Desterro, de febre amarela, entre 1872 e 1885. Não sabemos se chegou a casar, porém não deixou filhos, pois, no testamento de seu pai em 1885, não há qualquer menção neste sentido.

N7 - *Dorothea Wagner* *7.12.1843, em S.P.A. batizada 2.2.1844 pelo padre Coriolano de São José (fls. 330v). Ela casou, antes de 1863, com o médico da Colônia Blumenau, Dr. Bernhard Knoblauch *20.1.1834 †4.1.1872 que chegou em 1857 e foi muito ativo, não só como médico mas também em outras atividades. Entre outros, ele foi fundador da Sociedade dos Atiradores. Seu falecimento prematuro foi muito sentido na Colônia. Ele foi sepultado no C.E.B. onde ainda permanece a placa com os dizeres: Dr. Med. aus Iena Bernhard von Knoblauch †4.1.1872" Apesar de constar no túmulo, ele nunca chegou a usar o "von". Sua viúva, Dorothea, não chegou a contrair segundo matrimônio. Ela faleceu em Pouso Redondo, SC, a 22.6.1918 com a idade de 74 anos. Pais de:

B13 - Leopold Knoblauch *25.8.1863, era um dos chefes do partido republicano em Blumenau e fez parte da primeira intendência municipal em 1890. Nomeado primeiro suplente de sub-delegado de polícia em janeiro de 1890, porém deixou o cargo em dezembro de 1901 por motivo de doença. A 7.11.1892 Leopold casou com uma prima, Ida Wagner *18.8.1871, filha de Georg Wagner (F6) e de Rosalie, n. Voigt. Aprox. 1910 Leopoldo mudou-se para Pouso Redondo onde tinha adquirido terras, onde seus descendentes ainda residem, sendo provável que ambos tenham falecido ali. Pais de:

T43 - Leopold Bernhard Knoblauch *10.12.1892(?) batizado 22.9.1894 sendo digno de menção os nomes de seus padrinhos "Hercilio Pedro da Luz, Vitorino de Paula Ramos, José Bonifácio da Cunha, Etelvina Ferreira da Luz, Elisabeth da Cunha e Dorothea Knoblauch". Casou com Otilie Ruchty e foram pais de pelo menos uma filha:

Q42 - Renate Knoblauch *24.3.1918 X Theodoro Odebrecht(videQ38)

T44 - Hermann Julius Knoblauch *4.2.1894

T45 - Mathilde Karolina Knoblauch *7.5.1895

T46 - Theodor August Richard Knoblauch *10.3.1897

T47 - Alice Knoblauch *12.9.1903

T48 - Gertrud Dorothea Knoblauch *14.6.1907

N8 - *Catharina Wagner* *8.1.1846 em S.P.A. batizada 18.6.1846 conforme assento a fls. 33v do registro de batismos de São José, que transcrevemos para ilustrar a ortografia dos nomes:

“No dia dezoito do mez de junho do ano de mil oitocentos e quarenta e seis, nesta capela da Freguezia de São Pedro de Alcântara, Província de Santa Catharina, baptizei e pus os sanctos oleos à innocente Catharina, nascida a oito de janeiro deste ano, filha legitima de Pedro Vagner e de Igenes Encken, neta paterna de Jorge Vagner e Maria Cortis e materna de João Encken e Margarida Walter, naturais e baptizados no reino da Prussia. Forão padri-nhos: Henrique Vagner e Catharina Encken e para constar foi este termo que assignei. O vigário Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva”.

Vemos assim, que Vagner é Wagner, Encken é Haendchen, Cortis é Kurz e Walter é Walldorf!

Catharina casou em 1863, não consta data no assento, porém deve ser entre 10.5 e 19.7, com Carl Heinrich Hohl *10.8.1842 †22.4.1870, filho de Johann Heinrich Hohl, imigrado em 20.12.1851, e de Wilhelmine, n. Sille. Johann Heinrich Hohl teve uma participação ativa na defesa da Colônia contra o primeiro ataque dos bugres em 27.12.1852 (vide Blum. em Cadernos T. XI p.168) e morreu afogado no Rio Itajaí a 14.4.1859. Era natural de Muschlit, Prússia e deixou viúva e 4 filhos: Johanna Hohl casada com August Keunecke, Carl Heinrich casado com Catharina Wagner, Carolina Hohl casada com Gustav Brandes e Therese Hohl casada com Henrique Lucas. Pais de:

B14 - uma menina, nasceu morta a 17.12.1864.

B15 - Gustav Emil Hohl *14.5.1866 ficou viúvo de primeiras núpcias, cujo assento não conseguimos localizar e XX 3.II.1898 com Mathilde Luise Juliane Boettner *28.2.1878, filha de Albert Boettner, da Garcia, e de Bertha. n. Greis.

B16 - Bernhard Heinrich Hohl *8.9.1867 X 12.5.1892 com Bertha Hedwig Richter *17.2.1874 filha de August Richter e de Dorothea n. Moll. Pais de pelo menos uma filha:

T49 - Clara Anna Hohl *10.9.1892, batizada 25.12.1892.

B17 - Louise Hohl *9.3.1869 X Luis Sachtleben.

(N8) - *Catharina, viúva Hohl, n. Wagner* XX 22.6.1871 com Andreas August Germer *1.5.1847 em Ingeleben, filho de August David Germer e de Anna Elisabeth n. Roloff. Andreas August Germer imigrou para Blumenau em julho de 1869, era carpinteiro, naturalizou-se 28.9.1876 e foi delegado de policia até janeiro de 1890. Catharina teve mais 10 filhos de seu segundo matrimônio e faleceu a 4.4.1919 tendo sido sepultada no C.E.B. Pais de:

B18 - Eugen Germer *15.4.1872 X 23.II.1898 com Maria Bachmann *15.9.1878 filha de Georg Bachmann e de Therese Hofmeister.

B19 - Anna Germer *15.8.1873 X 18.9.1895 com Reinhold Erdmann Roenick *4.7.1866 em Halle, filho de Heinrich Roenick e de Auguste n. Pallas.

- B20 - Thusnelda Germer *7.12.1874 X 16.5.1900 com Johann Bachmann *3.3.1876 em Neudorf, filho de Georg e de Therese n. Hofmeister.
- B21 - Arthur Germer *6.8.1876, Negociante na Velha, X Anna Bertha Ulrika Hoernke *6.3.1884 filha de August Hoernke e Karoline Gutz. Arthur †9.9.1936 e sua esposa Anna †16.2.1968, sepult. C.E.B.
- B22 - Freimund Germer *24.4.1878, negociante em Mulde, X Alice Caroline Anna Florentine Riediger *6.5.1880, filha de Ferdinand, marceneiro e de Sophie, n. Budag.
- B23 - Olga Germer *16.2.1880 Belchior e †16.2.1905 no dia de seu 25º aniversário. Solteira.
- B24 - Viktoria Germer *3.10.1881 X 7.10.1905 com Eugen Joseph Wilhelm Albert Tonolli *26.4.1879 filho de Joseph Tonolli e Marie Schadrack
- B25 - Amandus Germer *15.11.1883 Belchior X 8.7.1908 com Friedrike Auguste Frieda Hadlich *18.6.1885 filha de Luiz Hadlich, em Weissbach e de Anna Vahldick. No assento de casamento Amandus consta como fabricante de licores em Carhué, Argentina. Tendo falecido sua esposa Amandus XX 6.7.1918 com Elise Damm *19.10.1888 em Leipzig, filha de Rudolf Damm e de Ida Hahmann.
- B26 - August Germer *26.6.1885, bat. 12.8.1885, confirm. PEB 26.3.1899.
- B27 - Alfredo Germer *31.5.1887 †9.10.1963 tendo sido sepultado no cemitério da rua Bahia.

Ê considerável a descendência oriunda dos 10 filhos de Andreas August e de Catharina n. Wagner, não sendo possível apresentá-la neste trabalho, porém mereceria ser publicada em separado como genealogia da família Germer.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Hueller

COLONIZAÇÃO ITALIANA DE ASCURRA - 1876/1976

de José E. Finardi — Edição do Autor, 1976

Se alguém necessitasse uma informação sobre Ascurra, é bem provável que se lembrasse de consultar "A História de Blumenau", do Prof. José Ferreira da Silva. Ou então compulsasse qualquer outra obra sobre a colonização do Vale do Itajaí. A partir de agora, porém, já existe um livro que trata especificamente da fundação e da história de Ascurra. O historiador José Finardi acaba de editar uma obra que lhe custou muito sacrifício, muitas horas indormidas, muita pesquisa. Trata-se do

livro "COLONIZAÇÃO ITALIANA DE ASCURRA", referindo-se aos cem anos de existência daquele núcleo populacional, onde as primeiras levas de italianos chegaram pouco depois de Hermann Blumenau fundar sua colônia. E como Ascurra pertencia ao município de Blumenau, do qual foi distrito até 1934, quando passou a distrito de Indaial (então desmembrado de Blumenau), é claro que a sua história é, por força das circunstâncias, uma parte da história de Blumenau. Mas somente isto não bastava para que os interessados nos primórdios da terra ascurrense encontrassem nos escritos sobre Blumenau todos os dados relativos à sua fundação, colonização, e assim por diante.

Por isso mesmo, salta aos olhos a importância que tem, não só para o município abordado, mas para a história geral do Estado, o livro recentemente editado. Contando tudo sobre a chegada dos primeiros imigrantes italianos em princípios de 1876, que receberam os primeiros dez lotes, oficialmente, no dia 15 de novembro daquele ano, em contrato firmado pelo próprio Dr. Blumenau, Finardi consegue manter a atenção dos leitores, quer pela clareza do texto, quer pela disposição dos capítulos, de fácil visualização e acessível a jovens estudantes. Nas duzentas páginas do livro de Finardi estão presentes também, além dos fatos históricos, algumas figuras ilustres do município, que ficaram marcadas na lembrança de todos, como Giovanni Buzzi, Ermembergo Pellizzetti, Pedro Bonetti, Luis Isolani, Pe. Ângelo Alberti, João Finardi, e muitos outros, dedicando-se ainda algumas páginas a ilustres pessoas que deram muito de si em favor da colonização italiana do Vale, como o Dr. Giovanni Rossi e o Conde Giuseppe Landrani. Além destes nomes, que estão reunidos num capítulo intitulado "Lideranças Ascurrenses", Finardi também destaca, nas páginas finais da obra, uma série de pioneiros da sua terra.

Desde a fundação, em 1876, até a efetiva criação do Município, em 7 de abril de 1963, vindo até os nossos dias, a história do bravo povo ascurrense está presente, com minúcias, no livro de José Finardi. Uma obra que enriquece não só o patrimônio de Ascurra, mas que lança muitas luzes sobre a história de toda a região colonizada pelos italianos.



A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

Cabrijo tirou um tempo dos recém-chegados. O que se passou naquela mente de canibal somente o capeta pode saber, inspirador que é de todo o mal. Recebeu a cuia da mão de seus homens que não perdiam os movimentos da linda cabocla. Elisa entretanto esperava que a água fervesse para fazer o café. Fervida a água tomou o pó e lançou boa quantidade na chocolateira. Após uns momentos, tomou um tição e mergulhou-o na chocolateira para abater o pó. Pode não parecer muito higiênico mas é café de gosto especial. Tomando canequinhas de folha de que estava bem provida a canastra, dispô-las sobre um legal, chapa de couro, que cobre as bruacas ou canastras dos muares de carga para evitar que a chuva ou o sol prejudiquem as mercadorias. Nos "pousos" serve também de mesa como vimos.

Temperado o café, gentilmente o ofereceu a Cabrijo e seus homens, conforme o costume, primeiro, os considerados hóspedes, os quais aceitando louvaram a gostosa bebida.

Felicio lavou as canecas e Elisa temperou o café que eles passaram a tomar acompanhado de "passoca". Descansaram enquanto os animais pastavam.

x x x

Cabrijo dirigiu-se a Nestor e falou:

— Apois que mal pergunto, é sua noiva?

— Ainda não, respondeu com reserva.

— É fia do home que viaja com vanmicê?

— É, confirmou.

— Conheço. Era o home que vinha de muda para os lados de Bela Vista ou Salseiro, uns anos atrais. Não é de minha conta mas para onde viaja?

— Para casa.

— Longe daqui?

— Um bom pedaço, lá para as bandas de Campos Novos, mentiu Nestor.

— Tem fazenda?

— Não. Moro numa casinha que levantei, tenho roça e alguns animais.

— Vai levá a moça pra conhecê adonde vai morá dispois?

Nestor encarou o bandido, que desviou os olhos. Nestor empalideceu e uma onda de ódio recalcado quis vir à tona, mas dominou-se a tempo e respondeu:

— É mais ou menos isso. O pai dela também quer conhecer o lugar.

— Tá bom! Tá bom! fez Cabrijo e lançando um olhar ao redor buscou Elisa que era alvo de todos os olhares. Ela terminou de arrumar todas as coisas alheia ao que se passava, fechou a canastra e foi sentar-se ao lado do pai à sombra de uma uvaieira. Cabrijo lhe causava horror por isso preferiu a companhia do pai.

Nestor voltou para junto dos seus e como presenciara todo o movimento dos jagunços, no íntimo, se interrogava: “Que procuravam esses bandidos aqui ao pé da serra? Deixara o bando muito cedo, mas não cedo demais para conhecer-lhes as patranhas. Posto que após a derrota de Papudo em Canoinhas houvesse paz o reduto de Santa Maria dava o que falar. Lá nos refolhos da alma estava profundamente arrependido de ter tirado Elisa da casa do pai para trazê-la para esses ermos duvidosos, repletos de perigos. Marcos também não estava contente e se fechara, por longos instantes reinou completo silêncio.

Cabrijo puxando o facão, tirou do surrão uma palha de milho e preparou um “crioulo”. Ofereceu-o a Nestor com as palavras:

— Prove deste fumo, amigo. É do bom.

Realmente, o fumo era de primeira e Nestor agradeceu.

Então o bandido fez um sinal aos demais e todos em poucos momentos montaram a cavalo. A um gesto seu ganharam o caminho da serra. Estendendo a mão a Nestor falou em tom de murmúrio:

Vassuncê não me engana. pode ter casa hoje, mas já foi um dos nossos e isso não se perdoa. Té a vorta.

x x x

Nestor tinha certeza agora de que fora reconhecido e que mais cedo ou mais tarde uma horda de jagunços visitar-lhe-ia a fazenda. Quanto isto ia custar em gado e vidas o futuro diria. Podia ser só uma ameaça. Não parecia, no entanto. Por uns momentos fitou, pensativo, o cavaleiro que sumia com a corja em trote largo além da curva do monte.

Elisa logo se apercebeu do estado de ânimo do amado e aproximou-se de Nestor, que parecia voltar do outro mundo. Seu olhar interrogador dizia o que de ansiedade lhe ia pelo interior. Tirou o avental e dobrando-o cuidadosamente falou:

— Que te disse aquele cara de Satanás?

— Nada. Nada, respondeu Nestor, enquanto amassava com a ponta da bota o cigarro oferecido pelo bandido.

— Nada, não. Por que essas rugas na testa? Há qualquer coisa errada nessa despedida. É por causa de mim?

A mulher tem algo de intuitivo e em determinadas circunstâncias essa intuição não falha. Pelas feições do amado ela tinha certeza de que corriam perigo. Correu à canastra e voltou com um 38 carregado e uma caixa de balas. Olhou para Nestor e altiva falou

— Não será a última vez que a mulher brasileira se defende em caso de perigo. No exercício de tiro eu rivalizo com os manos e se preciso for mando um cara desses para o outro mundo, ainda que me custe lágrimas de sangue que nunca derramei...

Nestor colhido de surpresa, a princípio não soube que responder. Então aquela beldade estava mesmo disposta a vender caro a sua beleza?

— Você não disse para aquele filho do inferno para que lado fica a fazenda?

— Nem disse a ele que tinha fazenda, apressou-se Nestor.

— Pois fez muito bem. Neste caso uma mentira vale mais que cem verdades...

Cada vez mais admirado estava Nestor, então esta era a sua amada, a sua flor. Esquecida de amor, dos encantos para tomar a atitude belicosa de mulher aguerrida que a todo custo quer ver seus inimigos por terra.

Daqui para a frente temos de traçar planos, para não cair numa emboscada. Deixemos o pouso lá no alto e "pousemos" em qualquer local da serra. Haverá algum mal em chegar mais tarde amanhã? Viajemos com as armas na mão.

— A hora em que chegarmos está bom. Vamos pegar as armas.

Elisa tinha razão de temer. Em geral o pai era o primeiro a ser morto ou amarrado e o namorado ou noivo igualmente e ali na presença dos infelizes eram "curradas", como se diz hoje, a noiva ou namorada ou mesmo as filhas da casa. Depois deste vexame vinham as torturas em que eram mestres. Segundo o depoimento de alguns arrastavam o prisioneiro para o mato, cortavam-lhe os membros e depois de horrendamente mutilado seccionavam-lhe as carótidas, morria esvaído em sangue. Quanto mais sangue corresse mais queriam ver correr os sanguinários sequazes do profeta.

Outras vezes afirmam (há apenas notícia de um caso concreto) o infeliz era amarrado de mãos e pés. Os verdugos fincavam uma vara no chão e curvavam-na. Nesta extremidade, também apontada, depois de abrir um talho sob o queixo, introduziam a ponta da vara recurva. A vítima então rouquejava até morrer pendente entre o céu e a terra. Também amarravam o condenado a um pau ou estaca e o fuzilavam. Eram atos mais brandos que geralmente punham fim às torturas. Soldados que lhes caissem nas mãos eram mutilados. Não poucas vezes cortavam a cabeça e para escarmento da polícia ou do exército as espetavam num poste à margem das estradas ou picadas. Tudo isto era motivo para temer. Havia ainda o perigo de ser capturada e levada para o reduto o que seria pior do que a morte. Elisa dispôs-se a morrer, antes de cair viva nas mãos dos facínoras.

Marcos escutara a conversa e interveio:

— Deixemos de conjecturas, preparemo-nos para o que der e vier. Estamos bem armados. Em campo raso nos deixaram em paz e nos capões teremos de sondar.

Tanto Marcos e Nestor saberiam dentro em pouco que as coisas correriam bem diferentes do que puderam imaginar.

No alto da serra quatro ou cinco moradores terminaram a faina do dia e dispuseram-se três deles a descer até a venda próxima para comprar umas miudezas. Os outros limitaram-se a fazer umas encomendas e ficaram com as famílias.

Logo após o anoitecer um "piquete" de uns dezoito homens apresentou-se na localidade sob as ordens de um tal Cabrijo, que já conhecemos. Depois de uma folia com as mulheres em presença dos homens amarrados foram estes ligados sobre cavalos e as mulheres tiveram de marchar a pé. Crianças os bandidos levavam na frente ou na garupa. Ao sair deitaram fogo aos casebres. As chamas iluminaram a noite. Vizinhos acorreram. Era tarde, porém. Entretanto puderam certificar-se de que Cabrijo descera a serra em direção a Colônia Vieira com cinco homens, enquanto os outros conduzindo os prisioneiros marchavam para o reduto Santa Maria.

Ao voltar Carlito Souza e os dois companheiros foram informados de que as mulheres e os homens haviam tido um destino infeliz. Seguiram seus passos, como, porém, os jagunços estivessem fortemente armados nada puderam fazer. Retornaram e resolveram surpreender o grupo que desceu a serra.

— Desta vez eles não escapam. Seja quem for do bando queimo o desgraçado. Morro mas mando esse cão pro inferno.

Convocou o pessoal e três o acompanharam. Disse que iria na frente e abria fogo e eles ao ouvir os tiros ficassem de tocaia e queimassem quem passasse fugindo.

Isso era o que eles pensavam. O destino ia corrigir os planos a seu modo.

x x x

Cabrijo depois que deixou Nestor ficou excogitando uma maneira de prender os três machos e fazê-los assistir a uma cena de sexualidade com seus homens.

Ao chegar à altura de uma gruta falou para os seus homens:

— Aposto que vão ficá aqui. Se eles não ficá, nois cerquemo eles. Eles vem desprevenido. Vancês já sabe o que tem de fazê. Pra não havê suspeita, praque os home pode descê a serra e procurá por nós. Nós ficamo entre dois fogo. Ali tem uma encruziada. Toca os cavalo pra lá. Adespois da orgia, pegamo os cavalo e damo o fora.

Cumpriram à risca o plano. Os cavalos ficaram amarrados pelo cabresto e os homens cortaram taquaras e carás para ração. Cada um escolheu um local donde pudesse saltar sobre a presa e ameaçá-la com revólver. Os três seriam presa fácil.

Caminharam em direção à gruta e ficaram à espreita nos locais escolhidos. Do alto um homem de Carlito observara a manobra.

x x x

Sampaio um dos homens de Carlito chamou os companheiros e contou-lhes o que observara. E explicou que Cabrijo e os seus homens estavam em meio do fogo. Que iam deixar os cavalos ali e vinham em socorro de Carlitos. Longe estavam de imaginar que todo o estratagemma de Cabrijo tinha por pivô uma mulher linda. Que Cabrijo era vaqueano e que eles também não ficavam atrás. O tigre tinha de ser caçado na toca. Toda cautela era pouca, quando se visse acuado. Para tanto preveniram-se e iam avançando, evitando todo e qualquer ruído que pudesse levantar suspeitas por parte dos bandoleiros.

Tudo pois estava se encaminhando para que Cabrijo tivesse uma ótima recepção. A maior de sua vida de perverso jagunço.

Levantaram o acampamento e correram ao encontro do destino. Um pouco adiante encontraram um viajante escoteiro. Este logo reconheceu Marcos. O viajante não era nem mais nem menos que Carlito Souza, jagunço outrora, que pedira remédio junto à carroça em que Marcos conduzia a família de mudança para Bela Vista do Toldo.

Cumprimentaram-se no velho estilo, escancharam-se sobre os lombilhos para dois dedos de prosa.

Antonces é coragem, vassuncês viajá por esses inferno, exclamou Carlito levantando o chapéu que trazia sobre os olhos. Tirou o cigarro detrás da orelha, acendendo-o, esperou a resposta.

— Camarada! não encontrou um piquete ali na frente? disse Nestor à guisa de resposta, encarando de frente o novo personagem.

— A modo que não. Não vi alma viva... Ah! sim, agora estou maliciando a coisa. Desta vez, raposa velha, não vais escapar, falou para si e encarando o grupinho Arguma novidade?

Nestor em poucas palavras narrou o que havia.

— Há coisa de uma hora mais ou menos, Cabrijo e seus homens nos deixaram junto à bica, mais abaixo. Sua despedida foi uma ameaça.

— Sua vida é ameaça e ir às via do fato. Esses lobo faminto de sangue estão de emboscada em argum canto.

Carlito dissera naquela ocasião a Marcos: "Argum dia lhe pagarei este favor". A criança agora estava com as outras a caminho do reduto. Chegara pois a vez. Achavam-se ante um dilema terrível. Se continuassem a viagem seriam aprisionados, se voltassem seriam perseguidos. Todos estavam certos de que o bandido com os seus estava de tocaia. Uma interrogação permanecia no ar: "Como pudera Carlito passar por eles sem ser percebido?" Se a intenção de Cabrijo era matar, por que deixara Carlito passar sob a mira de seu revólver? Já não padecia dúvida, cada um sabia agora o que o esperava. Apearam e confabularam como escapar às tramas dos desalmados. Carlito não encontrava explicação para o fato de ter passado incólume. Ignorava que o acaso viera em seu socorro.

Esconderam os cavalos e seguiram a pé com as armas na mão. Como já passasse algum tempo e os homens de Carlito sem sinal, este percebeu, finalmente, donde soprava o vento. Caminhando, Carlito narrou a Marcos o seu infortúnio. O que os miseráveis haviam perpetrado em suas casas. Enquanto haviam saído para comprar mantimentos Cabrijo e sua horda penetrara em seus lares e começara uma orgia dos demônios. Quando cansado de judiar das mulheres e filhas com os de seu bando, amarrou os homens sobre os cavalos e fez as moças e mulheres seguir a pé. Ateou fogo às casas. Ao voltar ainda foram ao seu encalço sem que nada pudessem fazer contra a corja fortemente armada. Zé Lourenço mais afoito em persegui-los foi prostrado com certo tiro. Sobre as cinzas de suas casas juraram vingança. Seria a última desgraça que Cabrijo enjambrara. Soubera de vaqueanos que descera a serra e por isso viera.

— É perciso assuntá bem, se não ele leva a mió, concluiu Carlito.

Com muita cautela vieram descendo sem alcançar ninguém. A certa altura disse Carlito aos seus homens:

Voceis fica descendo e eu vou adiantá. Se eu não vortá é prue que estou morto. Se vassuncês se incontrá com eles é só abri fogo, que nós temo de murrê uma veis. Murrê, mais mandá primero esses cabra da peste pros quinto dos inferno. Se eu não murrê eles fica no meio de dois fogo. Eu de lá e voceis daqui. Feito.

— Feito.

-- Mas como vassuncê vai passá por eles.

— Deixa comigo. E vim. Agora seguimo até a gruta. Lã deixamo a menina e o piá em segurança. E vamos avançando até dar com os marvado.

— Nunca, protestou Elisa, eu morro com voceis. Tenho a arma e sei me defendê. Felício também manda um cara desses pros inferno. Seus olhos faiscavam de ira. Vamos lá.

Nestor tremeu pela namorada. Marcos a conhecia destemida e disposta. Não fez objeção. Carlito quis ainda dissuadi-la, em vão. Elisa não se deixou convencer. Entraria com os homens na luta.

Carlito por acaso vira um de seus homens e este fez-lhe sinal. Mandou que se deitassem todos. Rastejou até um cocuruto que o protegia e donde pôde observar o movimento do inimigo. Fez sinal para que ficassem calmos.

x x x

Cabrijo ao encaminhar-se para as emboscadas onde ficaria à espreita ainda dissera a seus homens:

— Vamos tê mais uma folia gostosa. Vai sê uma folia dos diabos. Cabrijo tem sorte. Cai cada prenda linda na sua rêde que vale a pena sê jagunço. A cabrocha é um doce de coco. Adespois nós manda ela com as outra da noite passada pros quinto. Que tar! Eta muié bonita! Aquele fanfarrão, metido a fazendero, nós fais ele vê o diabo, quando eu estivé em riba da bonitona. Ele vai querê arreventá as corda. Mas não tem perigo. Primero, amarrá bem. Eta ferro! e soltou uma gargalhada sarcástica que reboou pelas matas. Os homens davam berros de alegria ante-gozando o espetáculo que iriam presenciar. Continuaram de tocaia.

Alguma coisa começava a preocupar o bandido. Ninguém apreciava. Teriam passado no tempo que guardaram os cavalos. Não podia ser. Um silêncio medonho pairava sobre o abismo. O ar parecia cheio de espiritos. Nos fundos rugia a cachoeira.

Carlito esperou que seus homens se aproximassem. Quando os pressentiu. Abriu fogo contra uma moita, onde sabia estar um tocaia. Um berro ecoou e uma fuzilaria varou os ares. Seus homens avisados agora entraram pela retaguarda e liquidaram um a um os adversários. Cabrijo agora sozinho quis escapar pelas bandas da descida. Por um instante a descoberto recebeu certo tiro no peito da arma de Elisa. Restava saber se todos estavam liquidados. A prudência de Carlito foi o suficiente para evitar uma morte ou ferimento. Rastejando, negaceando, os homens foram se aproximando. O único homem de Cabrijo que agonizava fora o atingido pelo primeiro tiro de Carlito. Nas vascas da agonia contou aos arrancos o plano macabro de Cabrijo e pedindo perdão, morreu contrito.

O mundo não é dos que tem sorte, mas dos que não perdem oportunidades. Cabrijo perdera a melhor oportunidade de fazer prisioneiros a Marcos e os seus. A perda deste ensejo lhe foi fatal. Outro erro de tática foi guardar os cavalos sem deixar sentinela. Acharam que o inimigo estava longe, quando já estava na boca. Tocaia com inimigo nas costas é fatal. Todo homem valente trata em primeiro lugar de garantir as costas. Cabrijo nem sonhava com inimigos pela retaguarda. Apesar de bem ocultos não sobrou um. Todos passaram desta para melhor ou pior de acordo com a fé. Os homens de Carlito partiram em busca de pás e picaretas para abrir a vala comum onde desapareceriam os corpos dos infelizes violadores da honra e bens alheios.

Elisa ensimesmada por nunca ter matado ninguém recolhia-se num mutismo triste. Nestor chegou-se a ela, louvou-lhe a coragem e indagou como chegara a atirar.

(Continua no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

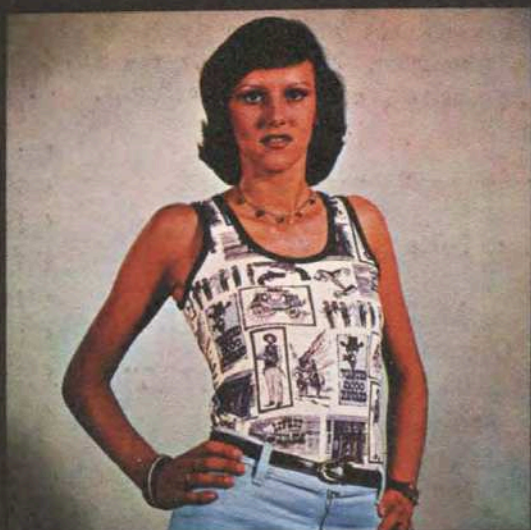
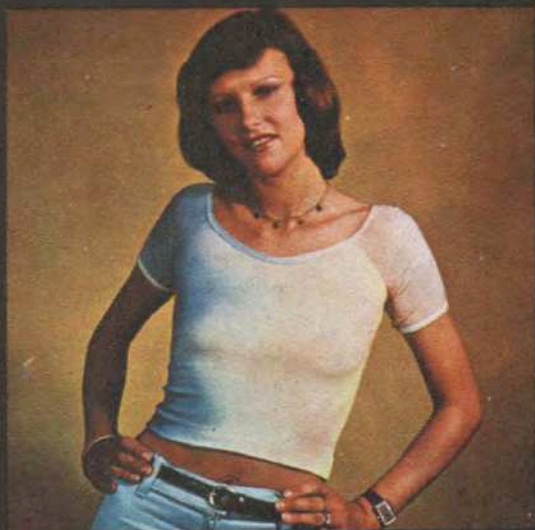
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

HERING NO ANO TODO



As Malhas Hering são coloridas e alegres como a primavera. Flexíveis, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão...

Cortes perfeitos, em todos os tamanhos, afastam o tédio e a tristeza dos dias outonais...

De puro algodão com fio

penteados, aquecem carinhosamente no inverno.

Passo o ano todo com Malhas Hering...

 **malhas Hering**
A malha jovem.

